

ESPAÇO ACADÊMICO

MULTIVIX

SERRA

ESPAÇO ACADÊMICO

Faculdade Capixaba da Serra - Multivix
v. 05 n. 10 - Julho a Dezembro de 2014- Semestral

Diretor Executivo

Tadeu Antônio de Oliveira Penina

Diretora Acadêmica

Eliene Maria Gava Ferrão Penina

Diretor Geral

Claudio Cesar Borges Coelho

Coordenadora Acadêmica

Carina Sabadim Veloso

Coordenadora Financeira

Cantídia Jadjesk Montebele

Coordenadores de Curso

Administração

André Murilo de Souza Cavalcante

Ciências Contábeis

Leanilde Nascimento e Silva

Pedagogia

Angela Maria Neves Roriz

Letras

Leandro Siqueira Lima

Engenharia Civil; Engenharia de Controle e Automação

Teresa Cristina Maté Calvo

Serviço Social

Flaviane Cristina de Oliveira Ferreira Delanos

Bibliotecária

Luciana Henrique Fernandes

Presidente da Comissão Editorial

Eliene Maria Gava Ferrão

Comissão Editorial

Eliene Maria Gava Ferrão

Carina Sabadim Veloso

Oscar Omar Carrasco Delgado

Endereço para correspondência

Coordenação Acadêmica

Rua Barão do Rio Branco, nº 120, Colina de Laranjeiras

29.167-183 – Serra – ES

e-mail: carina.veloso@multivix.edu.br

Capa

Romulo Santos de Castro

Espaço Acadêmico / Faculdade Capixaba da Serra
/ Serra: (jul/dez. 2014).
Semestral
ISSN 2178-3829
1. Produção científica – Faculdade Capixaba da Serra. II. Título

ESPAÇO ACADÊMICO

SUMÁRIO

ARTIGOS

Agroturismo em Serra-ES: como agregar valor neste novo conceito de negócio.....03

Enny Kely Nunes Klein da Silva
Keila Lucia da Silva
Letícia Quadra Siqueira da Victória
Aldomar Nascimento Junior

O uso do facebook nos processos de recrutamento.....21

Christiano Nunes Leite
Glauber Vieira Santos
Mariana Moura Oliveira
Aldomar Nascimento Junior

Novas tecnologias na educação: desafios e perspectivas no processo de ensino-aprendizagem.....39

Ana Paula Monteiro de Oliveira
Louize Castro Ribeiro Gandini
Oscar Omar Carrasco Delgado

A inserção da arte no processo de ensino-aprendizagem no contexto do ensino fundamental.....52

Adriana Castro Bonfante
Jéssica Fernandes
Rhamona Sales
Geruza Ney Alvarenga

O papel do estagiário na educação especial nas séries iniciais do ensino fundamental do município de Serra: descortinando as práticas.....68

Ana Lucia dos Santos Ricardo
Oscar Omar Carrasco Delgado

Bullying no ambiente escolar.....83

Iasmym Nascimento de Carli
Kamilla de Oliveira Ricardo Bitá
Simone Teixeira Sacramento
Paulo Roberto Nunes Scarth

AGROTURISMO EM SERRA-ES: COMO AGREGAR VALOR NESTE NOVO CONCEITO DE NEGÓCIO

Enny Kely Nunes Klein da Silva¹
Keila Lucia da Silva²
Letícia Quadra Siqueira da Victória³
Aldomar Nascimento Junior⁴

RESUMO

O agroturismo é caracterizado por suas atividades no meio rural e as propriedades abrangidas neste meio, abrem suas portas para visitação do público, envolvendo os clientes em suas atividades diárias e com isso, gerando outra opção de renda. Diante de exposto, foi analisada uma propriedade que através da metodologia de observa o e entrevista, buscou-se conhecer as necessidades locais. Assim, com esta abertura, as propriedades passam a aproveitar melhor seu espaço e modificam as suas rotinas, não existindo assim, intermediários entre o proprietário e cliente quando desejam obter produtos destas propriedades. Através das estratégias competitivas, as propriedades conseguem destacar entre as outras pertencentes ao agroturismo, com isso promovendo o seu negócio e gerando expectativas com rela o ao consumo. Desta forma, objetivando criar atrativos para o público, atendendo as expectativas e as necessidades dos clientes. Neste artigo, abordamos meios de agregar valor aos produtos e serviços, de maneira que possam fazer com que a empresa se sobressaia no mercado e tenham um lucro compatível. Assim, o empreendedor deve sempre se perguntar como pode fazer para atender melhor as expectativas dos seus clientes. Estas a oes devem ser através da promo o com o marketing, reestrutura do local e construindo parceria de negócios com empresas privadas e ajustando melhoria com o setor público para que possam alavancar o negócio.

Palavras-chave: Agroturismo. Estratégias competitivas. Agregar valor.

ABSTRACT

The agritourism is characterized by activities in rural areas and the properties covered in it, open their doors to the public visitation, involving customers in their daily activities and thereby generating another income option. As previously exposed, a property was analyzed through observation and interview methodology, sought up to know the local needs. So, with this openness, the properties start to enjoy better their space and modify their routines, thus, there are no intermediaries between the

¹ Graduanda do curso de Administra o da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

² Graduanda do curso de Administra o da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

³ Graduanda do curso de Administra o da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

⁴ Professor orientador. Docente do curso de Administra o da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

owner and client when they want to get products from these properties. Through competitive strategies, properties can stand out among the others belonging to agritourism, thereby promoting their business and generating expectations relative to consumption. Thus, in order to create attractive for the audience, attending the expectations and needs of customers. This article approaches ways of adding value to products and services, so that they can make the company stand out in the market and have a compatible profit. Therefore, the entrepreneurs should always ask themselves how is possible to answer better the expectations of its customers. These actions must be through marketing promotion, restructuring the local and building the business partnership with private companies, and setting improvement in the public sector so that they can launch their business.

Keywords: Agritourism. Competitive strategies. Add value.

1 INTRODUÇÃO

As ferramentas do marketing proporcionam a criação de um elo entre as variadas atividades do meio rural, conectando a organização com o seu nicho de mercado (FERREL; HARTLINE, 2009). Neste contexto, são relevantes as estratégias competitivas, que consiste em um conjunto de ações que visam adequar a empresa ao seu ambiente competitivo, para alcançar seus maiores objetivos (ARCO; FLEXA, 2006).

Para isso, o mix de marketing também tem importante contribuição e, segundo Kotler (2006) para compreender melhor os efeitos da sua atividade, são analisados dados de diversas fontes, entre os quais o “p” de promoção. Como também é possível afirmar que dos elementos fundamentais para que o turismo se desenvolva dependerá da ação que o P de promoção proporcionará (HOLLANDA, 2003).

Concernente ao marketing turístico, seus objetivos estão voltados a atender as necessidades turísticas dos consumidores (MASINA, 2002). Desta forma, além de atender plenamente as necessidades de seu nicho de mercado, consegue obter através disto, lucro compatível (KRIPPENDORF, 1980 apud RUSCHMANN, 1991, p. 25). Conforme Rojo (2006), quanto maior o valor percebido pelo seu público alvo, satisfazendo as necessidades e desejos com produtos ou serviços, maior tenderá a ser a sua disposição para adquiri-lo.

Nisto, o agroturismo é apontado como um importante meio de escape para as famílias, pois a clientela do turismo rural, em sua maioria, provém dos grandes centros urbanos e busca, no campo uma interação mais intensa e direta com a natureza, a qual precisa ser preservada, resgatando valores importantes, como seu modo de vida, suas culturas e tradições, seu trabalho e o meio ambiente onde vivem, através de atividade turística (ALMEIDA; RIEDL, 2000). Desta maneira, o município da Serra oferece circuitos de agroturismo promovendo lazer, cultura, gastronomia e diversos outros entretenimentos, como forma de gerar outra fonte de renda.

Para identificarmos e alcançar os objetivos desta pesquisa usará métodos científicos que serviram de base junto com o material teórico estudado, assim elaborar meios de como agregar valor ao agroturismo na Serra. Assim, Andrade (2010) define que objetivo de pesquisa é descobrir maneiras para solucionar os problemas encontrados.

Desta forma, o principal motivo que nos levou a realizar essa pesquisa, foi perceber a carência de estrutura e informação que o agroturismo na Serra, estar necessitado. Sabemos que o agroturismo pode possibilitar aumento de renda e dar melhor qualidade de vida para os proprietários, porém é indispensável fazer uma reestruturação do local e até mesmo o aperfeiçoamento dos serviços já oferecidos para atender o público alvo. Sendo assim, diante deste exposto, esta pesquisa visa ter a finalidade de entender como agregar valor ao agroturismo no município da Serra.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 MARKETING

O marketing, segundo a American Marketing Association (AMA), no ano de 2013, foi definido como uma função organizacional é um conjunto de processos, nos quais envolve a criação, a comunicação e entrega de valor para os clientes. Assim,

Simões (1984) completa que, estas atividades não existem intermediárias, apenas a relação do produtor e o seu cliente final.

Quanto aos instrumentos de marketing, Kotler (2006) sugere dentro do composto de variáveis do mix marketing, o P de promoção, que é indispensável para comunicar as características e os benefícios de um produto ou serviço. Ainda reforça que, este instrumento auxilia a alcançar os objetivos comerciais, tendo em vista um público-alvo.

2.2 MARKETING TURÍSTICO

Ruschmann (1991) tratou de indicar importante distinção entre o marketing turístico e o marketing tradicional, o primeiro se distingue do último por disponibilizar um bom material, que em regra, impossibilita o acesso do consumidor antes de sua aquisição, entre outros aspectos.

Para Masina (2002) no marketing turístico, tem que haver 3 elementos, que são pilares fundamentais para que o negócio se desenvolva: satisfação das necessidades do turista, promoção do produto turístico e comercialização.

Deste modo, Masina (2002), chama a atenção para a promoção, que através deste elemento gera expectativa com relação ao consumo.

Segundo Krippendorf (1980 apud RUSCHMANN, 1991, p. 25), o marketing turístico é:

A adaptação sistemática e coordenada da política das empresas de turismo, tanto privada como do Estado; no plano local, regional, nacional e internacional, visando à plena satisfação das necessidades de determinados grupos de consumidores, obtendo, com isso, um lucro apropriado.

2.2.1 Agregando valor

O sucesso financeiro de determinadas empresas, muitas vezes vem através das habilidades que o marketing oferece como forma de suprir as necessidades

lucrativamente (KOTLER, 2006). Estas necessidades, que significam “carências ou falta”, o homem se esforça, buscando o desejo que elas sejam supridas, satisfeitas (MANZO, 1996). Para fazer com que o marketing aconteça é necessário que a empresa crie e entregue valor para o seu consumidor, assim atendendo as expectativas de suas necessidades e desejos, gerando lucro para o negócio. Este valor econômico é gerado pelo marketing quando ele agrega a utilidade (MANZO, 1996).

O mercado cada vez mais tem se tornado extremamente competitivo, com muitas opções oferecidas e os consumidores estão mais informados e ficando mais criteriosos e para que a empresa tenha sucesso, é fundamental que o processo de entrega de valor esteja bem definido, conforme sequência apresentada por Kotler (2006): Segmentação dos clientes, Seleção/Foco no mercado, Posicionamento do valor, Desenvolvimento do produto, Desenvolvimento do serviço, Determinação de preço, Busca de fontes/Fabricação, Distribuição/Assistência, Força de venda, Promoção de venda e Propaganda. Cada fase desta bem estabelecida permitirá a empresa melhor desenvolvimento no processo de negócio.

2.3 TURISMO RURAL

Segundo o Ministério do Turismo (2004), define o Turismo Rural, como um conjunto de atividades, caracterizados pela valorização do patrimônio cultural e natural como elementos da oferta turística no meio rural, devendo sempre ter a maior autenticidade possível e primando a conservação do ambiente natural. Baseado neste conceito, Vezanni (2008) acrescenta que o turismo rural necessita de meios sustentáveis de qualidade, para manter as atividades e agregando valor, conscientizando à proteção desse meio, bem como todo o seu patrimônio cultural e ambiental. Outro aspecto relevante é como este meio traz retorno financeiro para as propriedades rurais, que segundo Costa e Colesanti (2002), o turismo rural é um novo recurso de complementação da renda familiar, com diversas modalidades de atividades, não substituindo a produção tradicional no campo, mas que servirá como opção produtiva.

Desta forma, o campo passa por um novo momento de valorização, onde a sociedade muda sua maneira de enxergá-lo, não sendo um lugar de obsoleto (ELESBÃO, 2008). Assim, com as mudanças de perspectivas no meio rural, o homem passa a aproveitar melhores seus espaços, reformulando as atribuições através de uma nova postura deste meio (ELESBÃO, 2008). Com isso, alguns autores citam o deslocamento de pessoas para espaço rural, com roteiros programados ou espontâneos, de maneira a incluir o agroturismo nas regiões (BENI, 2002 apud CANDIOTTO, 2010, p. 10).

2.4 AGROTURISMO

Este segmento que está sendo bastante explorado em algumas regiões brasileiras, que é o agroturismo, que foi definido pelo Ministério do Turismo (2010, p. 20), como:

Atividades internas à propriedade, que geram ocupações complementares às atividades agrícolas, as quais continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade, em menor ou maior intensidade, devem ser entendidas como parte de um processo de agregação de serviços aos produtos agrícolas e bens não-materiais existentes nas propriedades rurais (paisagem, ar puro, etc.), a partir do 'tempo livre' das famílias agrícolas, com eventuais contratações de mão-de-obra externa.

O agroturismo deixou de ser um local exclusivo para o desenvolvimento agrícola, voltado para a inserção de produtos no meio urbano, os produtores rurais começaram a criar atrativos para que o público urbano passasse a ter acesso aos seus produtos diretamente no ambiente onde são produzidos, onde passam a vivenciar parte das experiências cotidianas dos produtores rurais. De acordo com Almeida e Riedl (2000), o turismo rural integrado a atividade agrícola, trouxe uma nova realidade para o homem do campo, como alternativa de renda na atual crise. Nesse contexto, o agroturismo, é um segmento turístico produtivo que está trazendo oportunidades para o setor econômico, podendo ser um eixo articulador principal para a viabilização de projetos para o desenvolvimento local sustentado (LOIOLA, 2004). Através disto, esta oportunidade tem se revelado uma alternativa de fonte

geradora de renda para as populações rurais, assim se tornando uma ferramenta importante na promoção do desenvolvimento local sustentável (BATHKE, 2002).

2.4.1 Agroturismo no Espírito Santo

O Espírito Santo foi um dos primeiros estados a implantar a atividade de agroturismo no país, titulando Venda Nova do Imigrante como a capital nacional do agroturismo, onde as famílias conseguem tirar da terra sua fonte de renda (ZANDONADI; FREIRE, 2012), desta forma, muitas propriedades nas Montanhas Capixabas aderem ao agroturismo. O que tem feito a diferença para essas famílias é de como apresentam para os visitantes de como produzem, seus estabelecimentos, sua cultura, para que assim os visitantes se sintam parte do mundo que vive (ZANDONADI; FREIRE, 2012).

2.4.2 Agroturismo na Serra

A primeira ação desenvolvida foi em 1998, através de secretarias e órgãos estaduais e municipais, despertando o interesse de muitos para implantar ações. Com estas ações foram estruturados roteiros de agroturismo: Chapada Grande, Guaranhuns, Muribeca e Pitanga, nestas áreas são desenvolvidas muitas atividades agroturísticas como: pesque e pague, hospedagem, trilhas, passeios a cavalo e de charrete, piscina natural, banho de bica, dentre outros. O município iniciou projetos para o desenvolvimento do através do Planagro (Plano de Desenvolvimento da Agricultura e Pesca da Serra – 2009) como objetivo recuperar o que se perdeu e através disto gerar mais oportunidades de emprego e renda e desta forma contribuindo para melhorar a qualidade de vida também da população do meio rural (MAESTRI; PENTEADO, 2009).

Atualmente, a Secretaria de Agricultura, agroturismo, Aquicultura e Pesca (SEAP), desenvolveu junto com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) um Plano de Ação Coletiva para os Circuitos do agroturismo, para melhorar o atendimento e a qualidade dos produtos que são ofertados pelos

produtores e dentre as ações previstas no plano são: boas práticas ambientais, melhorias na gestão da propriedade, roteirização, entre outras (NASCIMENTO, 2014).

3 METODOLOGIA

Dentro do método qualitativo, segundo Oliveira (1999), o objetivo é pesquisar os problemas complexos ou que são estritamente particulares, sem ter a pretensão de numerar ou medir unidades. Os objetivos da pesquisa na fase exploratória, segundo Thiollent (1998), visa estabelecer preliminarmente um diagnóstico da situação, assim identificando as expectativas e problemas da situação. Além de estabelecer um campo para trabalho, com isso categorizando este objeto de pesquisa (SEVERINO, 2007). Como também, Oliveira (1999) cita que no estudo exploratório tem como objetivo a pesquisa, mas precisa de um problema, de maneira que possibilita a elaboração de hipóteses, além de possibilitar um levantamento provisório daquilo que se deseja estudar mais detalhadamente.

De acordo com Gil (2010), levantamento é o tipo de pesquisa definido por uma interrogação direta das pessoas que se deseja conhecer o comportamento, onde se recolhe informações e dados sobre de um problema estudado, para em seguida obterem conclusões. Desta maneira, a observação, como método de pesquisa é o ponto de partida para verificar e ratificar os conhecimentos adquiridos (RUDIO, 2012). Diante disso, a observação é uma fonte permanente de adquirir conhecimento do mundo que o cerca (BARROS; LEHFEIL, 2007). Que segundo Marconi e Lakatos (2012), não se tratam somente de ver e ouvir, mas consiste também em examinar.

Mas também, a entrevista, é outra técnica de coleta, sendo citada por diversos autores como Oliveira (1999), que usa o questionário, como instrumento de apoio para coleta destes dados como um pilar na pesquisa e assim, fazendo com que a entrevista colete na prática o que foi estabelecido no questionário. Como também, Cervo e Brevian (1996) complementam que a entrevista não é um bate papo, é uma conversa orientada com um objetivo definido da coleta dos dados para a pesquisa.

Também, Marconi e Lakatos (1991) apresentam a entrevista como uma conversa face a face, mas de maneira organizada. Não só isso, para Severino (2007), ocorre uma interatividade entre o entrevistado e entrevistador. Assim, para Cervo e Brevian (1996) possibilita traduzir com exatidão o que deseja alcançar.

Logo, para Demo (2011), significa que após esta pesquisa, o objetivo é não deixar as coisas da mesma forma e sim procurar os problemas e trazer à tona os defeitos. Portanto, é preciso adquirir conhecimento com os entrevistados sobre os que eles vivenciado (SEVERINO, 2007). A construção do roteiro das entrevistas teve como base, perguntas que buscam conhecer como agregar valor neste negócio. Portanto, de posse destas informações coletadas na entrevista e das informações alcançadas pela pesquisa bibliográfica, à análise do conteúdo visa elaborar uma ou mais hipótese, apresentando uma apreciação sobre os resultados obtidos (SEVERINO, 2007).

O local pesquisado foi à propriedade Recanto Mestre Álvaro, que faz parte do agroturismo no município de Serra, no Circuito Guaranhuns, associado à AGROTUR, a propriedade possui alguns atrativos como: passeio a cavalo, passeio de charrete, banho de piscina natural, roda d'água, tirolesa, bica e brinquedos infantis. Além da comida tipicamente caseira no fogão a lenha e doces caseiros feitos pela propriedade.

Foram entrevistados os proprietários no momento das suas atividades cotidianas e os clientes nos momentos de lazer. Foram realizadas vinte e quatro entrevistas a clientes, que visitavam o local no dia 4 de outubro de 2014, e também aos proprietários.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste artigo, optou-se em abordar maneiras de como agregar valor a um negócio do agroturismo. Dessa forma, pode se estabelecer uma relação entre situações observadas no local estudado e as entrevistas, a partir dos referenciais teóricos apresentados na fundamentação teórica.

Neste sentido, a entrevista realizada com os proprietários, resultou em informações de como é a sua realidade e também foram mencionados fatos de muita relevância no meio do agroturismo. Como forma de criar um elo entre as atividades realizadas com o seu público, questionou-se aos proprietários como tem utilizado as ferramentas de marketing, pois para obter uma vantagem competitiva diante da concorrência, a empresa deve associar seu público alvo a estas ferramentas (FERRELL; MICHAEL D. HARTLINE, 2005). Thompson e Strickland (2003), defendem a ideia de que uma boa estratégia e bem executada, são sinais positivos para o desenvolvimento da empresa. Tratando-se da propriedade rural pesquisada, foram utilizadas as seguintes estratégias para o desenvolvimento das atividades do agroturismo, conforme relato do Proprietário A:

Iniciamos atividades programadas para pacotes escolares durante as semanas e nos horários escolares, nos dias em que normalmente não atendemos nosso público principal, com isso as crianças podem participar de várias atividades que eles não vivem no seu dia a dia e assim a gente consegue ter uma vantagem competitiva.

Selecionamos quatro fatores relevantes destacados abaixo, que tratam de como melhorar a promoção do local, conforme descritos pelos nossos entrevistados, no momento do relacionamento com os visitantes.

Nosso estudo verificou que a identificação dos locais onde se pratica o agroturismo na Serra é deficiente, e essa escassez de identificação, gera transtornos para aqueles que gostariam de chegar às propriedades, como consta em depoimentos a seguir:

A localização é confusa, até o centro da cidade a gente encontra placas com o nome do circuito, quando a gente chega na estrada de chão, não encontramos nenhuma placa, tivemos que perguntar aos moradores se estávamos no caminho certo (Cliente A).

A falta de identificação é muito ruim, só conseguimos chegar ao local, pois estávamos acompanhados de um amigo que já conhecia o trajeto (Cliente B).

Acho fácil chegar aqui, embora que eu conheça já o local. Mas tem algumas pessoas que reclama desse problema (Proprietário A).

O sucesso do Agroturismo se deve à combinação de interesses das partes. Para Batalha e Mendonça (2003), o papel do proprietário é encontrar meios de como articular os interesses das duas partes, da empresa e seu público alvo. De um lado o agricultor necessitando de uma agregação de valor à sua produção e/ou renda complementar e do outro os residentes dos centros urbanos, fugindo do ritmo estressante das cidades em busca do modo de vida simples do campo, da vivência com o natural, o saudável e o ecologicamente correto.

É preciso alternativas com relação à questão da qualidade e a possibilidade de transformação da matéria-prima, como também a venda de produtos. Ferrell e Michael (2005) ressaltam que os produtores devem se aprimorar devido às altas expectativas dos clientes para as questões básicas e o aumento das demandas dos consumidores. Quem adere ao agroturismo deve buscar alternativas de atrativos para o público que frequenta a região. A partir deste contexto, as novas propriedades começaram a abrir suas portas para o público, assim devem buscar qualificação e outras opções de lazer, para atender o desejo dos clientes. Testemunhos mostram que é preciso investir em atrativos na propriedade Recanto Mestre Álvaro, para que possa se tornar um ambiente mais satisfatório.

Aqui não tem muitos atrativos para adultos, tinha redário e esteira, porém eles tiraram. Agora só nos resta os bancos ou a gente mesmo trazer nossas esteiras de casa (Cliente C).

Tem poucos brinquedos para as crianças e os que têm precisam ser melhores cuidados trazendo mais segurança para nossos filhos (Cliente D).

Tenho tentado remanejar os quiosques de descansos, para conseguir colocar mais atrativos, como a construção depende de mim, não consigo fazer tudo sozinho (Proprietário B).

O local pesquisado, Recanto Mestre Álvaro, fica na região metropolitana da Serra, fica aos pés do Mestre Álvaro, onde ficam as principais propriedades de agroturismo. As paisagens bucólicas são opções de lazer, principalmente para crianças, alicerçada em princípios como a valorização da gastronomia local, da

preservação do meio ambiente e das tradições culturais dos agricultores. O agroturismo, atividade recente, não agrícola, geradora de trabalho e renda, vem impulsionar o desenvolvimento, e para que isso aconteça, busca-se criar atrações para aquele que os visitam, que desejam ter contato com a natureza, com o ar puro, uma vida cada vez mais desejada por muitos (ELESBÃO, 2008).

O Sítio Recanto do Mestre Álvaro proporciona saborosas comidas que são servidas no fogão à lenha. Assim, diante de tantas delicias e foram perguntados sobre os serviços do restaurante:

Eu só venho aqui para comer e o cardápio lembra realmente o gostinho de roça, tem uma grande variedade de pratos (Cliente E).

A comida é muito boa, pois é bem caseira, só que ela deveria ser mais quente (Cliente F).

Temos na casa a nossa especialidade que é a polenta de milho, que muitos vêm pra experimentar, e os nossos doces caseiros, que alguns até compram pra levar para casa (Proprietário A).

A verdade é que o meio rural não é mais um ambiente restrito à produção de alimentos. Constitui-se em espaço dinâmico e promissor, e as ofertas turísticas, que estão disponíveis, dependem dos atributos naturais, das propriedades rurais e da atividade produtiva exercida pelo agricultor. Como o exemplo do Sítio Herança, que fica na região das Montanhas, onde os próprios visitantes fazem a colheita dos seus próprios morangos e pagam por ele na lojinha.

Foco principal do agroturismo é a interação dos clientes nas atividades diárias, entretanto, o Sítio Recanto do Mestre Álvaro, objeto de nosso estudo foi citado da seguinte forma pelos entrevistados no quesito interatividade:

Eu não vejo os donos daqui convidando a gente para interagir com suas atividades (Cliente G).

Eu nem sabia que o sentido do agroturismo era esse, tanto que quando a gente vem aqui, nunca nos interessamos em procurar saber alguma coisa sobre o assunto (Cliente H).

Não conseguimos ainda nos organizar para que essa atividade aconteça (Proprietário B).

Sendo assim, o marketing turístico proporciona transformações fundamentais para seu desenvolvimento, suas ferramentas visam dinamizar o local em que já recebem visitantes e esses sendo seus multiplicadores de seus serviços (GÂNDARA; SOUZA; LACAY, 2011). Deste modo Ruschmann (1991), confirma que o melhor divulgador é o próprio cliente satisfeito com tudo o que ele viveu durante sua visita. Dessa maneira, é preciso melhorar o seu valor percebido, para atender a necessidade dos clientes e assim trazer lucros satisfatórios. Abordado nesse aspecto, os proprietários identificam que:

Procuramos atender nossos clientes de maneira diferenciada, oferecendo um ambiente simples, mas aconchegante, proporcionando satisfação, para que eles possam divulgar nossos serviços a outras pessoas. Porém, precisamos melhorar nossos custos para termos condições de retribuir de alguma forma aos nossos clientes (Proprietário B).

Num primeiro entendimento sobre o agroturismo é descrito como uma atividade turística, no qual o agricultor permite a entrada de visitantes as suas propriedades e conhecer seu jeito de viver, de trabalhar, mostrando um pouco da sua rotina. Em outras palavras, o agroturismo é visto também como troca mútua das pessoas da cidade com as pessoas do meio rural. Então, foi questionado aos proprietários o que poderia fortalecer o agroturismo em que o Recanto Mestre Álvaro está inserido:

Acho que as propriedades vizinhas poderiam abrir suas portas com atividades para o público, porém tem um agravante, é que algumas pessoas utilizam o nome do agroturismo para abrir suas portas e assim conseguir clientes, mas não praticam o agroturismo como deveriam (Proprietário A).

Eu particularmente não gosto de fazer visitas programadas, gosto de sair de casa, chegar ao local e encontrar as portas abertas, porém muitas propriedades de todos os circuitos da serra, só abrem para grupos fechados (Cliente A).

Para realização do presente artigo, foi realizada uma observação no Sítio Recanto Mestre Álvaro, para identificar em suas atividades diárias, formas de melhorar seus serviços e produtos, assim aumentando renda.

Foi constatado que, os visitantes não têm acesso e participações das atividades do dia a dia da propriedade, sendo esta prática a ideia principal do agroturismo. Além disso, sendo uma propriedade familiar pequena, não possuem muitos recursos para executar a manutenção e desenvolver novos atrativos. Outro aspecto importante é a elevação de seus custos, pois não conseguem negociar coletivamente a compra de seus produtos e matéria-prima para manutenção com outras propriedades locais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve o objetivo de identificar fatores que pudessem agregar valor ao serviço ou produto oferecido, que ensejasse o fortalecimento do agroturismo nas propriedades que desempenham o agroturismo.

Foi possível comprovar que as propriedades locais não buscam se envolver no agroturismo, da mesma forma os órgãos da administração pública, que deveriam funcionar como articuladores, não implementam ações voltadas por agroturismo, assim, dificultando o crescimento e continuidade do negócio. Neste cenário, as mudanças ocorrem frequentemente, de forma que, torna-se relevante a profissionalização dos proprietários, que devem buscar conhecimento técnico para melhor gerenciamento de seu negócio e para serem capazes de oferecerem serviços diferenciados, pois as empresas buscam estratégias competitivas que façam se destacarem dentre as outras. Outra forma para evidenciar os seus produtos ou serviços, é a promoção de seu negócio. Neste aspecto, recomenda-se divulgação inicial no município, nas escolas, empresas e feiras correlacionadas, oferecimento de cortesias na sua primeira visita ao local e, para as empresas, construir uma parceria de negócios. Pode-se indicar, ainda, que, nos dias que não abrem ao público, o local seja disponibilizado para eventos fechados contratados previamente.

Para que o sucesso da empresa aconteça, devem-se desenvolver na prática todas as promoções do marketing, assim suprimindo os desejos do público. Para que estas necessidades sejam atendidas e percebidas pelo público, verificou-se que a estrutura física local é um elemento principal, pois seu ambiente rural remete a lembranças de infância de alguns e os seus visitantes percebem e valorizam este meio.

É importante que o proprietário da empresa na área do agroturismo, busque conhecer o seu público, para que possa melhor satisfazer as necessidades dos seus clientes, de forma que seus serviços e produtos se perpetuem como uma alternativa viável aos que busca frequentar os ambientes do agroturismo como forma de lazer e diversão. Ou seja, o proprietário deve sempre se perguntar como pode fazer para atender melhor as expectativas dos seus clientes, com isso, uma maneira simples de saber se estas necessidades estão sendo satisfeitas é colocar uma pessoa junto ao público para colher estas informações. Assim, o produto ofertado assume um relevante papel no agroturismo.

O aproveitamento de oportunidades deve ser trabalhado continuamente, nesse sentido, no agroturismo não pode ser diferente, pois é necessário que aqueles que se lançam nesse ramo tenham uma visão estratégica e direcionem seus investimentos em oportunidades de negócio dentro de sua área de atuação, que se traduz em ações efetivas que possam agregar ao negócio maior amplitude e visibilidade o que, no caso do agroturismo existente no Município da Serra, não se observa, pois, conforme demonstrado através da pesquisa realizada no Sítio Recanto do Mestre Álvaro, não há ações proativas que possam atrair o público aquele local, possibilitando cada vez mais o local como um meio de escape.

Alguns itens de lazer que já constam no local precisam ser reestruturados, como o passeio de cavalo, charrete e a tirolesa. Outra grande oportunidade que o local tem, é que, suas piscinas e a bica são abastecidas de uma fonte de água natural que vem da montanha, poderiam aproveitá-la na roda d'água como fonte geradora de energia e também como atrativo de lazer. Bem como, aproveitar o espaço que já existe e que seria lanchonete desativada, para fazer um charmoso café colonial no início da tarde, onde poderiam usar novamente seus produtos artesanais. Mas ainda, é fundamental citar a interação com público, através das atividades diárias da

propriedade, como tirar o leite da vaca, amamentar os bezerros, alimentar os outros animais, visitar a horta e ajudar a cuidar dela.

Outro fator importante é a falta de integração dos empresários do ramo que atua no Município da Serra, levando-os ao isolamento, ao contrário do que ocorre na região serrana do Estado, onde os empresários do setor que, de forma ordenada, chegam a divulgar o negócio dos “concorrentes”, como forma de oferecer opções de lazer ao público que os procura.

Restou claramente demonstrado através do presente trabalho que o agroturismo existente no Município da Serra precisa ser aprimorado e, necessita de bastante trabalho dos proprietários que abrem seus estabelecimentos ao público e também de maior integração entre os empresários do setor, com troca de informações e busca de oportunidades que possam favorecer a todos, bem como maior incentivo do setor público, no que tange abertura de linhas de crédito especiais para os empresários do setor, incentivo fiscais, entre outros benefícios que possam alavancar o setor.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. A.; RIEDL, M. **Turismo Rural: Ecologia, lazer e desenvolvimento**. Bauru: EDUSC, 2000.

AMERICAN MARKETING ASSOCIATION. **Definition of Marketing**. 2013. Disponível em: <<https://www.ama.org/AboutAMA/Pages/Definition-of-Marketing.aspx>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

ANDRADE, M. M.; **Introdução à metodologia do trabalho científico**. Editora Atlas, 2010.

ARCO-E-FLEXA, Iberê. **Marketing estratégia e valor**. Editora Saraiva, 2006.
BARROS, A. J. S; LEHFELD, N.A.S. **Fundamentos de Metodologia Científica**, Editora Pearson Prentice Hall, 2012.

BATALHA, M. O.; MENDONÇA, M. C. A. **Estrutura e dinâmica do turismo no espaço rural: uma análise na ótica da NEI**. 2003. Disponível em:<<http://www.gepai.dep.ufscar.br/publicacoesbusca.php?>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

BATHKE, M. E. M. **Turismo sustentável rural como alternativa complementar de renda à propriedade agrícola estudo de caso – Fazenda Água Santa São**

Joaquim – SC. 2002. p. 123. Trabalho de conclusão de Pós-graduação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

CANDIOTTO, L. Z. P. Elementos para o debate acerca do conceito de turismo rural. **Turismo em Análise**, v. 21, n. 1, p. 10, abril 2010.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica.** Afiliada, 1996.

COSTA, A.F.M.; COLESANTI, M.T.M. Turismo rural e educação ambiental desenvolvimento sustentável para o espaço rural do Município de Tupaciguara. **Revista Caminhos de Geografia**, 2002, p. 2.

DEMO, P., **Metodologia do conhecimento científico.** Atlas, 2011.

ELESBÃO, I. Os efeitos do turismo no espaço rural: um olhar sobre um pequeno município brasileiro. COLÓQUIO IBÉRICO DE ESTUDOS RURAIS, Coimbra Portugal 2008. Comunicação apresentada no VII CIER – Cultura, Inovação e Território.

FERRELL, O. C.; MICHAEL D. HARTLINE. **Estratégia de marketing.** Cengage Learning, 2005 e 2009.

GÂNDARA, J. M. G.; SOUZA, C. A.; LACAY, M. C., **O Marketing Turístico como Instrumento de Produção e Transformação do espaço na Região de Foz do Iguaçu e municípios limítrofes ao lago de Itaipu**, Cultur, 2011. Disponível em: <///C:/Users/Usuario/Downloads/Dialnet-OMarketingTuristicoComoInstrumentoDeProducaoETrans-3742867.pdf>. Acesso em out. de 2014.

GIL, A. C., **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. Atlas, 2010.

HOLLANDA, J. **Turismo: operação e agenciamento.** Senac, p.45, 2003.

KOTLER, P; KELLER, K. L., **Administração de Marketing.** 12. ed. Afiliada, 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica.** 2 ed. Atlas, 1991.

LOIOLA, E. **Turismo e desenvolvimento local sustentado.** Rio de Janeiro, 2004.

MAESTRI, D.; PENTEADO, A. M. V. M. **Plano de Desenvolvimento da Agricultura e pesca da Serra.** Serra, 2009.

MANZO, J. M. C. **Marketing, uma ferramenta para o Desenvolvimento.** 12 ed. Afiliada, 1996.

MASINA, R. **Introdução ao Estudo do Turismo: conceitos Básicos.** Mercado Aberto, 2002.

MINISTERIO DO TURISMO, 2004. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/estruturacao_segmentos/rural.htm>, Acesso em: 27 jun. 2014.

MINISTERIO DO TURISMO, 2010. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Rural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf> Acesso em: 27 jun. 2014.

NASCIMENTO, C. **Plano prevê melhorias nos Circuitos de Agroturismo**, 2014. Disponível em: <<http://www.serra.es.gov.br/secom-secretaria-de-comunicacao/2014/06/plano-preve-melhorias-nos-circuitos-de-agroturismo>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

NOGUEIRA, V. S. **O agroturismo como forma de inserção da mulher rural no mercado de trabalho**: um estudo de caso sobre o município de Venda Nova do Imigrante Espírito Santo. 2004. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_506.pdf>. Acesso em: 25 out. 2014.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica**. Pioneira, 1999.

ROJO, F. J. G., **Supermercado no Brasil**: qualidade total, marketing de serviços, comportamento do consumidor. Atlas, 1998.

RUDIO, F. V. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. Vozes, 2012.

RUSCHMANN, D. V. de M. **Marketing turístico**: um enfoque promocional. Campinas: Papyrus, 1991.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho de científico**. Cortez, 2007.

SIMÕES, R., **Marketing Básico**. São Paulo: Saraiva, 1984.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. Cortez, 1998.

THOMPSON JR. A. A.; STRICKLAND III, A. J.; **Planejamento Estratégico: Elaboração, implementação e execução**. Ed: Pioneira Thomson Learning, São Paulo, 2003.

VEZZANI, M. A. **Turismo rural e responsabilidade ambiental e ecológica no espaço rural brasileiro**. Caderno Virtual de Turismo, v. 8, n. 1, p. 27-39, 2008.

ZANDONADI, B. M.; FREIRE, A. L. O. O meio rural como atrativo para o agroturismo em Venda Nova do Imigrante (ES): o caso da família Carnielli. **Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**, p. 8, 2012.

O USO DO FACEBOOK NOS PROCESSOS DE RECRUTAMENTO

Christiano Nunes Leite¹
Glauber Vieira Santos²
Mariana Moura Oliveira³
Aldomar Nascimento Junior⁴

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade demonstrar a execução e a importância da utilização da ferramenta facebook pelos gestores no processo de recrutamento. Através de pesquisa na literatura referente ao processo de recrutamento, redes sociais na internet, facebook. Foi executada uma análise qualitativa, confrontando os dados levantados. Esses dados foram coletados através de entrevista com os responsáveis pela área de recursos humanos de duas organizações. De acordo com as informações coletadas neste estudo, foi possível destacar as principais etapas que as empresas utilizam nesse processo e as vantagens dessa ferramenta. Também foi observado que principalmente a visualização das informações disponível nos perfis dos candidatos faz com que essa ferramenta seja eficiente para que a organização tenha uma visão mais completa do perfil do candidato disponibilizando menos custo comparando com outros meios. Conclui-se que a ferramenta Facebook é uma tendência na utilização no processo de recrutamento.

Palavras-chave: Redes sociais na internet. Facebook. Recrutamento.

ABSTRACT

This paper aims to demonstrate the performance and the importance of using facebook by management tool in the process of recruitment and selection. Through research in the literature relating to the recruitment and selection process, social networking sites, facebook. A qualitative analysis, comparing the collected data was performed. These data were collected through interviews with those responsible for human resources of both organizations. According to the information collected in this study, we highlight the key steps that companies use this process and the advantages of this tool. It was also observed that especially the visualization of information available on the profiles of the candidates makes this tool is effective for the organization to have a more complete view of the candidate profile providing less cost compared to other means. We conclude that the facebook tool is a trend in use in the selection and recruitment process.

Keywords: Social networks on the internet. Facebook. Recruitment.

¹ Graduando do curso de Administração da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

² Graduando do curso de Administração da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

³ Graduanda do curso de Administração da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

⁴ Orientador. Docente do curso de Administração da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

1 INTRODUÇÃO

É possível notar a presença das redes sociais a todo o momento, e em toda a sociedade, de acordo com Tomaél (2005) a natureza humana faz com que as pessoas se juntem uma nas outras e molda a sociedade em forma de rede. Por este motivo, “as redes sociais constituem uma das estratégias subjacentes utilizadas pela sociedade para o compartilhamento da informação e do conhecimento, mediante as relações entre atores que as integram (TOMAÉL, 2005, p. 94)”. Desta forma, as redes sociais tornaram-se uma das formas de representação de relacionamentos profissionais e particulares entre pessoas, através de grupos de interesses mútuos, e quando o real e o imaginário parecem convergir, torna-se mais complexa a informação numa sociedade on-line (SHAVIRO, 2003).

Hoje um dos maiores conceitos de redes sociais está na internet, de acordo com a emergência da globalização e o crescimento desenfreado da tecnologia. Afonso (2009), sugere que com o desenvolvimento da tecnologia e a chegada da internet, surgiram novas formas de relação, comunicação e organização das atividades humanas, com destaque para as redes sociais virtuais. Um dos sites de relacionamento da época presente que está se destacando cada vez mais é o Facebook, sistema que foi criado por cinco jovens, que inovaram a imagem de rede social na internet. O Facebook possui um grande número de aplicativos e ferramentas, possibilitando que seus usuários se comuniquem e compartilhem informações com a opção de controle e privacidade (GONÇALVES, 2012).

E com todo este ambiente virtual as grandes e pequenas empresas estão aproveitando para observar, monitorar e selecionar possíveis candidatos a processos de recrutamento, levando em considerando o que expõe em suas redes sociais virtuais. Segundo Chiavenato (2010), “este é o papel do recrutamento: divulgar no mercado as oportunidades que a organização pretende oferecer para as pessoas que possuam determinadas características desejadas”, Desta forma, é necessário divulgar de maneira correta e atrativa as vagas a serem ocupadas, de acordo com o perfil do candidato que, conforme a alavancada da interatividade proporcionada pela internet está sendo exposto em suas redes sociais virtuais.

Diante de todo este conjunto, o uso das redes sociais na internet é considerado uma vasta fonte de informação para as empresas, o que passa a servir de apoio para área de recursos humanos em suas estratégias de recrutamento, o que vem a proporcionar o foco deste estudo. Com o intuito de aprimorar o processo de recrutamento, com a contribuição das redes sociais na internet, o objetivo principal desse estudo foi de analisar como as empresas através dos gestores de Recursos Humanos, utilizam as redes sociais na internet para realizar o recrutamento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 REDES SOCIAIS

A todo o momento e em toda a sociedade é possível notar a presença dessas redes, nas quais todos têm participação direta ou indireta, sendo por vontade própria ou involuntariamente e com participação ativa nas mesmas. Não sendo necessário muito esforço para identificar as que estão inseridos no cotidiano, como, por exemplo, uma mera rede de amigos, seja ela no seu bairro, no seu trabalho, no seu local de estudo, etc. Mas para compreender o conceito “estrutura não linear, descentralizada, flexível, dinâmica, sem limites definidos e auto-organizável que se constrói por relações horizontais de cooperação” (TOMAÉL, 2005), é necessário buscar ainda mais informações.

Devido a esta abrangência de público as redes sociais são uma tecnologia da informação que as organizações estão adotando para fins diversos (KLUEMPER; ROSEN, 2009; AFONSO, 2009). A tecnologia da informação vem sendo aproveitada pelas empresas como um facilitador de iniciativas estratégicas e competitivas (SHRIVASTAVA; SHAW, 2004). Neste contexto das redes sociais os gestores de recursos humanos já podem contar com esta tecnologia para divulgar e pesquisar na internet (KLUEMPER; ROSEN, 2009).

Segundo Harvey, Kleinberg e Lehman (2006) e Marteleto (2001), as redes sociais são invenções que simbolizam “um conjunto de participantes autônomos, que partilham valores e interesses mútuos”. Já Tomaél, (2005) afirma ainda que por

natureza e instinto, o homem se agrupa em redes com seus semelhantes e acaba criando relações de interesses comuns que ao longo do tempo se fortalecem e se modificam conforme a sua trajetória.

Para Hunt, (2010) “as pessoas estão em redes sociais para se conectar e construir relacionamentos” Cavalcanti e Branco (2011) relatam que “redes são estruturas, desenhos organizacionais ou sistemas, que contem vários elementos, pessoas e entidades, [...] com alguma ligação em comum que as une”, sendo que o ingresso nessa estrutura é fator crítico e primordial para a conquista do conhecimento por meio do compartilhamento de informações dos membros desse espaço que permite a oportunidade de construir o saber a cada nova conexão. “Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; ou nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)” (WASSERMAN; FAUST, 1994).

2.2 REDES SOCIAIS NA INTERNET

Com a emergência da globalização, a vulgarização e o crescimento desenfreado da tecnologia, surge, também, com a virada do século, um novo conceito de redes sociais que revolucionaria as relações de tempo-espaço entre os homens. O que antes era indispensável passa a se tornar totalmente obsoleto, dando espaço a novas ferramentas, como, por exemplo, o computador que assumiu a funcionalidade da máquina de escrever (entre outras funções), possibilitando a inserção de pessoas conectadas às redes sociais na internet. As redes sociais na internet permitiram, ainda, o contato visual em tempo real sem necessidade de locomoção a grandes distâncias e conforme Schuler; Day (2003) abordam e realçam a importância e a facilidade que a internet proporciona para a difusão de ações pelo mundo. Se a internet for usada para divulgar ações que deram certo, temos a certeza que do outro lado do mundo pode-se ver detalhes do projeto que poderão ser distribuídas a outras comunidades.

De acordo Ribas e Ziviani (2008) as redes sociais virtuais ou organizações virtuais são temporárias, e seus usuários são independentes e se relacionam através da tecnologia da informação, com a intenção de compartilharem conhecimento, informações e recursos para se aperfeiçoarem cada vez mais em questões de interesses pessoais e profissionais. Segundo Machado e Tijiboy (2005) as redes sociais virtuais são canais de grande fluxo na circulação de informação, vínculos, valores e discursos sociais, que vem ampliando, delimitando e mesclando territórios.

2.3 FACEBOOK

A rede social na internet Facebook (originalmente, The Facebook) foi um sistema criado pelo americano Mark Zuckerberg enquanto ainda estudava na faculdade de Harvard. A ideia era focar em alunos que estavam saindo do secundário (High School, nos Estados Unidos) e aqueles que estavam entrando na universidade. Lançado em 2004, o Facebook é hoje um dos sistemas com maior base de usuários no mundo, na época de seu lançamento, tinha como seu maior concorrente o Orkut. (RECUERO, 2009)

A ideia inicial do Facebook era criar uma rede de contatos em um momento muito importante da vida de um jovem universitário, momento este que esta em transição da saída da escola e ingressa para a universidade, o que, nos Estados Unidos, quase sempre representa uma mudança de cidade e um aspecto novo de relações sociais. O sistema, no entanto, era focado em escolas e colégios e, para conseguir participar dele, era preciso fazer parte de alguma das instituições reconhecidas. Começou apenas disponível para os alunos de Harvard (no ano 2004), posteriormente sendo aberto para escolas secundárias (no ano 2005) (BOYD; ELLISON, 2007).

O Facebook funciona através de perfis. Em cada perfil, é possível acrescentar módulos de aplicativos (jogos, ferramentas, etc.). O sistema é visto como o mais privado dentre outros sites de redes sociais, pois apenas usuários que fazem parte da mesma rede têm acesso ao perfil uns dos outros (BOYD & ELLISON, 2007). Em Julho de 2011, o Ad Planner Top 1000 Websites (2011), que monitoriza os websites

que têm mais acessos no mundo, colocou o Facebook no primeiro lugar com 880 milhões de visitas e um alcance global de 51,3%.

2.4 PROCESSOS DE RECRUTAMENTO

O processo de recrutamento é utilizado de diferentes formas, tendo como foco principal selecionar o profissional que se encaixe da melhor maneira a vaga de uma determinada empresa. O recrutamento e a seleção são enfrentados por diversos autores como processos codependentes e diferentes entre si. O papel do recrutamento é divulgar no mercado as oportunidades que a organização quer oferecer para as pessoas que possuam determinadas características desejadas pela mesma (CHIAVENATO, 2010). Segundo Araujo e Garcia (2009) o processo de recrutamento é considerado bilateral, pois não só a empresa determina o perfil do candidato, como o candidato poderá escolher a qual empresa que tem preferência em se candidatar.

Para Castro (1995), o confronto das características pessoais com o propósito de escolher a pessoa mais apropriada para exercer determinado cargo, função ou atividade, não é privilégio dos tempos atuais. Muitas empresas não dispensam muita atenção e zelo no processo de recrutamento, depois podendo, na maioria das vezes, suportar problemas significantes no futuro da organização. Este descuido é explicado por várias maneiras, uma das mais comuns está baseada na crença de que os recursos humanos são consideráveis, sendo facilmente repostos ou atraídos (DUTRA, 1990).

2.5 RECRUTAMENTO

Segundo Chiavenato, (2008) o recrutamento é um conjunto de técnicas e procedimentos que visa a atrair candidatos potencialmente qualificados e capazes de ocupar cargos dentro da organização. O processo de recrutamento pode ser dividido em três tipos: Recrutamento interno, Recrutamento externo e Recrutamento

misto, seguem as características de cada um. No recrutamento interno quando há determinada vaga a empresa procura ocupar através de modificações de função de seus empregados, podendo estes serem promovidos verticalmente ou horizontalmente, ou seja, havendo mudança de função e não de remuneração ou através de promoções, onde muda a função e/ou local de trabalho e também a remuneração. Em outras palavras, no recrutamento os responsáveis pelo processo se voltam para dentro da organização, buscando aproveitar os próprios funcionários para preenchimento de vagas, como afirma Araujo e Garcia (2009).

O recrutamento externo é baseado na procura de candidatos fora da empresa, com os requisitos básicos de acordo com o perfil da vaga, o mesmo ocorre na maior parte das vezes, através de anúncios divulgados em veículos de comunicação, murais, indicações, etc. Na prática não ocorre somente recrutamento interno ou externo nas empresas, pois ambos se complementam e se completam. Isto é, a junção do recrutamento interno e externo o que faz com que ocorra o recrutamento misto, neste processo, podem ocorrer à união na seleção dos candidatos à vaga oferecida (ALMERI; MARTINS; PAULA, 2013).

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Trata-se de um estudo qualitativo “[...] que leva em consideração que os pontos de vista, e as práticas no campo são diferentes devido às diversas perspectivas e contextos sociais a eles relacionados [...]” (FLICK; UWE, 2009). A abordagem qualitativa, na visão de Fachin (2006, p. 81) “É caracterizada pelos seus atributos e relacionam aspectos não somente mensurados, mas também definidos descritivamente”.

No qual foi de investigar e identificar os principais motivos que levam as organizações a utilizar as redes sociais para recrutar pessoas e como é realizado este processo. Buscamos essas respostas na pesquisa explicativa que tem como objetivo principal a necessidade de foco na realidade, através da manipulação e do controle de variáveis, com a finalidade de identificar qual a variável independente ou

aquela que determina a causa da variável dependente do fenômeno em estudo para, em seguida, estudá-lo com mais ênfase. Uma pesquisa explicativa pode ser a continuação de uma pesquisa descritiva, devendo conter a identificação dos fatores que determinam tal fenômeno e estejam suficientemente descritos e detalhados (GIL, 2009).

Nos processos técnicos iremos fazer um estudo de caso, que Segundo Yin (2001) é uma das várias maneiras de elaborar uma pesquisa em ciências sociais. Testes, levantamentos, análises históricas e análise de documentos em arquivos (como em estudos de economia) são alguns exemplos de outras maneiras de se executar uma pesquisa. Cada estratégia proporciona vantagens e desvantagens próprias, estar sujeito basicamente a três condições: O tipo de assunto da pesquisa; a influência em que o pesquisador possui sobre os eventos comportamentais ativos; o foco em fenômenos históricos, em aversão a fenômenos atuais.

A entrevista Segundo Oppenheim (1992) é uma das formas de coleta de dados mais utilizada no domínio das ciências sociais como, por exemplo, os psicólogos, sociólogos, pedagogos entre outros. Alguns autores apontam a entrevista como o processo fundamental de investigação nos mais diversos campos e pode-se afirmar que parte importante do crescimento das ciências sociais nas últimas décadas foi alcançada graças à sua aplicação.

3.1 COLETAS DE DADOS

Com base em nossos estudos elaborados até o momento buscamos empresas em diferentes ramos de atividades, que utilizam como recurso o uso do Facebook para efetuar o processo de recrutamento dentro de uma organização. Nesta etapa o método utilizado no processo de coletas de dados foi através de entrevistas com os responsáveis pela área de recursos humanos de duas empresas de grande porte. A primeira empresa atua no ramo industrial, foi identificada como empresa A. A segunda empresa que atua no ramo de prestação de serviços, foi identificada como empresa B.

A princípio foi feita uma busca no facebook com intuito de identificar empresas que utilizam o facebook para divulgação de vagas, posteriormente foi feito o contato com algumas empresas através do telefone para obtermos a confirmação do uso da ferramenta, logo após tal confirmação, foram realizadas entrevistas através de formulários, enviados apenas para duas empresas por e-mail tendo como foco principal, o motivo pelo qual as organizações utilizam o facebook como ferramenta de divulgação de suas vagas e apoio nos processos de recrutamento. O formulário enviado para as empresas havia dez perguntas referentes tal processo, o objetivo, como funciona, as principais observações feitas, os critérios utilizados e a importância do uso da ferramenta.

As entrevistas conforme Oppenheim (1992) é uma das formas de coleta de dados mais utilizada no domínio das ciências sociais como, por exemplo, os psicólogos, sociólogos, pedagogos entre outros. As entrevistas foram iniciadas no mês de agosto de 2014 e finalizadas em Novembro de 2014, com base em seus resultados foi possível comparar as diferentes visões das organizações analisadas em nossa entrevista.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seguindo a sequência do formulário aplicado a apresentação dos resultados, serão os seguintes tópicos: objetivo para a utilização da ferramenta chamada Facebook, informações divulgadas nos anúncios, informações pessoais e comportamentais avaliadas, Informações pessoais e comportamentais avaliadas, pré-avaliação do candidato, critérios para a seleção do candidato e a importância do processo de recrutamento para a empresa.

4.1 OBJETIVO PARA A UTILIZAÇÃO DA FERRAMENTA CHAMADA FACEBOOK

Os gestores das organizações, ao serem questionados quanto ao objetivo de utilizar o Facebook nos processos de recrutamento, foram unânimes quando colocaram em

questão de como é interessante para que a empresa economize tempo e custo atingindo um grande público, pois as outras ferramentas de divulgação geram mais custos e é uma forma de realizar quase que juntos o recrutamento e seleção. Já que a empresa nessa mesma ferramenta irá avaliar o perfil do candidato com as informações disponíveis no Facebook. Satisfeitos com a utilização da ferramenta, os entrevistados comentaram sobre o seu objetivo:

A utilização do Facebook tem suma importância para a divulgação tendo como objetivo atingir o maior número de candidatos possíveis a vaga oferecida. Além de uma ampla coleta de dados referente ao candidato e o melhor de tudo é o custo, custo praticamente zero. Em nossa empresa não utilizamos somente esta ferramenta, temos também como meio de divulgação a veiculação do anúncio nos jornais de grande circulação dentro do estado, porém, este canal possui uma grande tendência a se tornar um meio ultrapassado com o avanço da tecnologia e da sociedade, por este motivo como buscamos sempre estarmos a frente, já estamos migrando para esta nova tendência (Entrevistado A).

Procurar conhecer melhor o nível de relacionamento interpessoal do candidato, observando quão popular ele pode ser além de ter um leque maior de abrangência da vaga oferecida com baixo custo de mídia (Entrevistado B).

4.2 INFORMAÇÕES DIVULGADAS NOS ANÚNCIOS

Quanto às informações disponibilizadas pelas empresas o intuito é atrair apenas candidatos que possam se encaixar na vaga que se é ofertada. Onde o próprio candidato avalia se irá enquadrar, podemos dizer que é a primeira etapa deste processo. O mesmo é retratado por Mitter e Orlandini (2005), no qual defende que esse tipo de recrutamento contribui para eliminar etapas dos sistemas de provisão de recursos humanos. Referente às informações que normalmente são divulgados nos anúncios de suas vagas, os entrevistados expressaram a necessidade de conter informações específicas conforme citado abaixo:

No anúncio em si, buscamos divulgar as informações básicas, como: cargo/ função, escolaridade/ formação, remuneração, benefícios, local de trabalho, horário a ser cumprido, pré-requisitos, experienciais, competências, etc. Buscamos sempre divulgar a vaga fazendo este filtro, porém, em nosso site os candidatos encontrarão informações mais amplas referente à vaga anunciada, colocamos sempre um link com o edital onde o candidato tem acesso a todas as etapas do processo de recrutamento (Entrevistado A).

Tipo de oportunidade de trabalho, benefícios, nível hierárquico, escolaridade exigida, dentre outras. Informações que possa atrair atenção sem ser cansativa (Entrevistado B).

4.3 INFORMAÇÕES PESSOAIS E COMPORTAMENTAIS AVALIADAS

Com as informações coletadas na entrevista, para que a empresa busque informações dos candidatos foi citado que é utilizado duas maneiras uma direta e outra indireta, no qual a direta é o preenchimento dos dados pessoais e a indireta é o acompanhamento do comportamento dos candidatos usuários do Facebook. Pois são nas redes sócias que as pessoas irão expor qual o mundo que são inseridos. As empresas que realizam o recrutamento por meio de redes sociais, além da visualização dos currículos disponíveis, rastreiam também a veracidade de acordo com as informações postadas (AFONSO, 2009). Questionados sobre às informações pessoais e comportamentais os entrevistados citaram suas definições e sua importância nesse processo:

Informações pessoais seria nome, idade, endereço, estado civil, grau de escolaridade, em alguns casos o histórico profissional e religião. As comportamentais são locais em que frequentam, hobbies, o que gosta de fazer em suas horas vagas, como se comporta de uma maneira geral nas redes sociais. Através do Facebook podemos ter um comparativo de como o futuro candidato se comporta nas redes sociais virtuais, e no seu dia a dia (Entrevistado A).

A nível pessoal pede-se idade, nível de escolaridade, estado civil, endereço. Comportamentais, tipo de opções de diversão preferida, participação em grupos de

ação voluntária, etc. Com essas informações, tem-se melhores condições para traçar um perfil do candidato a ser escolhido, tendo assim, minimizado o risco de se escolher um candidato que não vai atender as necessidades da empresa (Entrevistado B).

4.4 PRÉ-AVALIAÇÃO DO CANDIDATO

Observamos que nesta etapa é onde a empresa utiliza as informações indiretas, no qual irão avaliar o comportamento dos candidatos diante do seu meio social, pois é possível identificar se a personalidade da pessoa é compatível com a vaga oferecida ou até mesmo com os princípios da empresa contratante. Nesse sentido, “as redes sociais constituem uma das estratégias subjacentes utilizadas pela sociedade para o compartilhamento da informação e do conhecimento, mediante as relações entre pessoas que as integram (TOMAEL, 2005, p. 93). Referente a pré-avaliação do candidato, os entrevistados expressaram a maneira como é executada:

Exposição das ideias publicadas, que tipo de páginas que curte, locais onde frequenta pessoas que sabem se promover, analisar o comportamento com os amigos (Entrevistado A).

Se ele demonstra ser agressivo com colegas, se gosta muito de participar de baladas exageradas, se tem comportamento adequado diante das pessoas e sociedade. Se pode ser considerado um candidato capaz de trabalhar em equipe e com capacidade para aprender e encarar novos desafios (Entrevistado B).

4.5 CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DO CANDIDATO

A partir do recrutamento utilizado com o auxílio do Facebook as empresa podem filtrar candidatos que mais se encaixem com vaga disponível, porém o contato e o diálogo ainda é processo indispensável para definir se realmente o que foi colhido nas etapas anteriores é a melhor escolha para o que a empresa procura. De acordo com a visão diferenciada dos entrevistados referente aos critérios utilizados para a

seleção do candidato que concorre à vaga oferecida, os mesmos revelaram o primordial para a conquista da vaga:

A premissa básica da seleção é escolher, dentre os candidatos recrutados, aquele com maior probabilidade de êxito no desempenho da vaga em aberto. É um processo que deve permitir a comparação entre o perfil da vaga e o perfil apresentado pelos candidatos, e também a classificação daqueles que possuem as competências necessárias e diferenciais para ocupar a vaga disponível com maior probabilidade de sucesso (Entrevistado A).

Uma conversa entre o candidato e o entrevistador onde poderemos ter a certeza das primeiras impressões obtidas através do Facebook, tirar dele suas maiores qualidades e também dificuldades, conferir a postura diante de um líder, procurar saber mais sobre os seus objetivos profissionais e pessoais, saber mais sobre sua família e seus relacionamentos familiares (Entrevistado B).

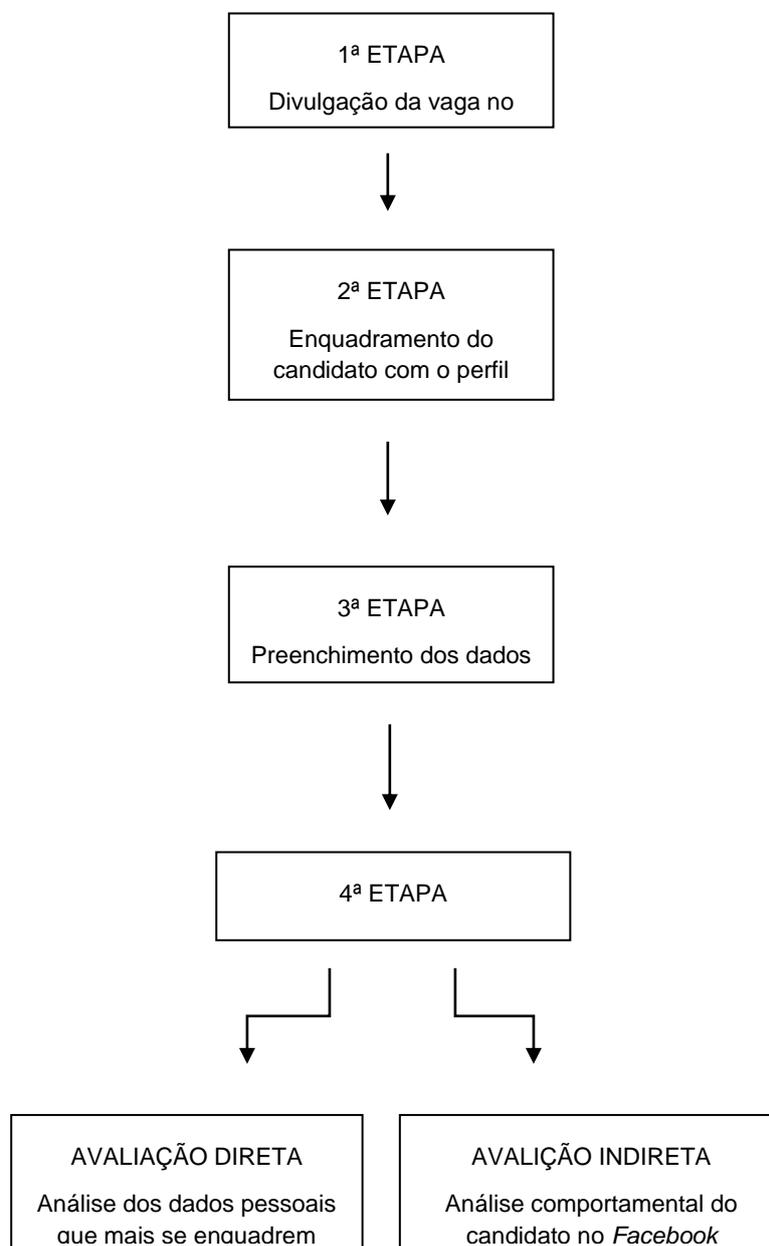
4.6 IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DE RECRUTAMENTO PARA A EMPRESA

Nota-se que hoje a preocupação é muito maior com o processo de recrutamento para a contratação de funcionários, sendo visto não só pelas empresas questionadas no presente estudo, mas como no geral. Pois depois terão que arcar com problemas significantes no futuro da organização. Segundo Shrivasta e Sahaw (2004) para que o negócio da organização seja bem sucedido o departamento de recursos humanos é um setor que precisa desfrutar dos benefícios da tecnologia, portanto o uso do Facebook seria uma estratégia eficiente. Demonstrando suas opiniões sobre o processo de recrutamento, os entrevistados expressaram sobre sua importância para o desempenho da organização:

O sucesso da empresa depende muito do processo de recrutamento, afinal serão estas pessoas, que conduzirão o dia a dia da empresa, recrutamento e seleção são duas etapas distintas de um mesmo processo. Podemos dizer que recrutamento, é o procedimento que tem como objetivo atrair candidatos para vaga oferecida, já a seleção tem a finalidade de comparar os candidatos recrutados e escolher o mais qualificado para vaga em aberto (Entrevistado A).

É de suma importância para que a organização não perca tempo com todo o processo e depois ainda perca maior tempo com o treinamento deste contratado e perceba, tardiamente, que este não foi a melhor escolha. Tudo que se perde com uma escolha errada de um candidato, demonstra falhas que certamente serão percebidas pela equipe, o que vai atrapalhar o rendimento além, de gerar prejuízos financeiros e organizacionais (Entrevistado B).

4.7 FLUXOGRAMA DA ETAPA DE RECRUTAMENTO UTILIZANDO O FACEBOOK



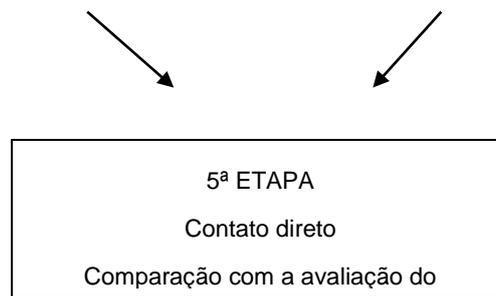


Figura 1: Etapas de recrutamento de pessoas das empresas pesquisadas.

Fonte: Desenvolvido pelos autores do presente estudo através de análise dos resultados coletados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desse estudo, pode-se constatar que o objetivo proposto de demonstrar a execução e a importância da ferramenta Facebook na visão dos gestores de recursos humanos. Foi possível identificar que o objetivo central, de analisar como as empresas através dos gestores de Recursos Humanos utilizam o facebook para realizar o recrutamento e seleção, é de apresentar um menor custo e maior visibilidade, quanto às informações divulgadas nos anúncios tem o intuito de diminuir as etapas de seleção e a disponibilização.

Na pré-avaliação do candidato essa ferramenta se torna fundamental, pois é disponibilizado mais informações para avaliar o perfil do candidato, não só limitando a avaliação por entrevista, onde pode passar alguns critérios despercebidos e assim podendo ampliar a análise de perfil pessoal e comportamental do candidato. É evidenciado que essa ferramenta se torna importante auxílio no processo de recrutamento, contribuindo para o setor de recursos humanos das empresas, e também diminuindo o risco de contratações que possa não se encaixar com os valores da empresa ou com o cargo.

Além disso, todas as questões envolvidas nesse estudo foram respondidas. As principais etapas do processo de recrutamento puderam ser identificadas, destacando-se a utilização do Facebook. Os principais benefícios foram o baixo custo, a forma de atingir um maior público, fornecer um banco de dados para contato, abrangência e rapidez, para o recrutamento.

Apresenta-se como limitação, a não generalização dos resultados, devido ao número de empresas pesquisadas. Como estudos futuros sugerem-se a ampliação dessa pesquisa sobre as temáticas em questão, incluindo a ótica de candidatos que estejam buscando vagas de emprego, a fim de verificar se há uma preocupação com seus perfis nas redes sociais virtuais bem como se utilizam essa tecnologia para buscar essas vagas.

6 REFERÊNCIAS

AFONSO, A. S. **Uma análise da utilização das redes sociais em ambientes corporativos**. 2009. 170 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

ALMERI, T. M.; MARTINS, K. R.; PAULA, D. S. P. O uso das redes sociais virtuais nos processos de recrutamento e seleção. **ECCOM**, v. 4, n. 8, jul./dez. 2013.

ARAÚJO, L. C. G.; GARCIA, A. A. **Gestão de pessoas: estratégias e integração organizacional**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BOYD, D.; ELLISON, N. **Social network sites: Definition, history, and scholarship**. Journal of Computer-Mediated Communication, 13 (1), article 11, 2007.

CASTRO, J. L. **Atribuições do sistema de administração de pessoal: instrumentos e procedimentos**. Projeto Gerus Brasília: Fundação Nacional de Saúde, 1995.

CAVALCANTI, N. F. de M.; CASTELO BRANCO, G. A. L. A. A utilização das redes sociais virtuais pelos profissionais de inteligência competitiva. In: CONGRESSO VIRTUAL BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO, 8., 2011. **Anais eletrônicos...**, 2011.

CHIAVENATO, I. **Administração nos novos tempos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

_____. **Recursos humanos: o capital humano nas organizações**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações**. 3.ed, Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

DUTRA, J. S. **Gestão por competências**. São Paulo: Gente, 1990.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia** 5. ed. São Paulo: Saraiva 2006.

FLICK, U. **Introdução a pesquisa qualitativa**. 3. ed. São Paulo: Artmed, 2009.

- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- GONÇALVES P. R.; V. **Facebook: rede social educativa?** Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf>>.
- HARVEY, N.; KLEINBERG, R.; LEHMAN, A. **On the Capacity of Information**. IEEE Transactions on Information Theory, 2006.
- HUNT, T. **O poder das redes sociais**. São Paulo: Gente, 2010.
- KLUEMPER, D. H.; ROSEN, P. A. **Future employment selection methods: evaluating social networking web sites**. Journal of Managerial Psychology, v. 24, n. 6, p. 567–580, 2009.
- MACHADO, J. R.; TIJIBOY, A. V. **Redes sociais virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa**. Disponível em: <http://www.inf.ufes.br/~cvnascimento/artigos/a37_redessociaisvirtuais.pdf>.
- MARTELETO, R. M. **Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação**. Brasília: Ciência da Informação, 2014.
- MITTER, G. V.; ORLANDINI, J. M. Recrutamento on-line/interne/t. **Maringá Management: Revista de Ciências Empresariais**. Maringá, v. 2, n. 2 – p. 19-34, 13/jul/dez. 2005.
- OPPENHEIM, A. N. **Questionnaire design, interviewing and attitude measurement**. Londres: Pinter, 1992.
- RACUERO, R. C. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009 (Coleção Cibercultura).
- RACUERO, R. C. **Comunidades em redes sociais na internet: proposta de tipologia baseada no fotolog.com**. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8614>>.
- RIBAS, C. S.; ZIVIANI, P. Z. **Redes de informação: novas relações sociais**. Disponível em: <http://www.direitoacomunicacao.org.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=388&Itemid=99999999>.
- SCHULER, D.; DAY, P. **Shaping the network society: The New Role of**. The MIT Press.
- SHAVIRO, S. **Connected, or what it means to live in the network society**. Minnesota: University of Minnesota Press, 2003.
- SHRIVASTAVA, S.; SHAW, J. B. Liberating HR through technology. **Human Resource Management**, Fall, v. 42, n. 3, p. 201 – 222, 2003.

TOMAÉL, M. I.; ALCARÁ, A. R.; DI CHIARA, I. G. Das redes sociais à inovação. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio-ago, 2005.

YIN, K. **Estudo de caso, planejamento e métodos**. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social network analysis: methods and applications**. Chicago: Cambridge University Press, 1994.

NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Ana Paula Monteiro de Oliveira¹
 Louize Castro Ribeiro Gandini²
 Oscar Omar Carrasco Delgado³

RESUMO

Este artigo tem por objetivo de apresentar o uso da Internet e do Smartphone no cotidiano escolar. É relatada neste texto uma breve história da Internet, como ela surgiu e quais foram os objetivos que levaram a sua criação. A princípio, poucos tinham acesso a esta tecnologia e apenas muitos anos depois ela chegou à população em geral. Hoje a tecnologia está muito avançada e a educação não pode ficar para trás neste quesito. Dentre as novas tecnologias, a utilização do celular/Smartphone é muito grande no meio educacional, especialmente pelos alunos, e esse instrumento vem sendo marginalizado pelos educadores, fazendo com que seu uso seja proibido nas escolas e por muitas vezes os alunos o fazem escondido. A proposta deste artigo é mostrar que as novas tecnologias podem ajudar no processo educativo, sendo aliado e não vilão.

Palavras-chave: Tecnologia. Internet. Educação Smartphone.

ABSTRACT

This article aims to present the use of the Internet and Smartphones in everyday school life. It is reported in this paper a brief history of the Internet, how it came about and what were the objectives that led to its creation. At first, few had access to this technology and only many years later she reached the general population. Today the technology is very advanced and education can not be left behind in this regard. Among new technologies, the use of cellphones/Smartphones is increasing in the educational environment, especially by students, and that instrument has been marginalized by educators, making its use is prohibited in schools and students often do hidden. The purpose of this article is to show that new technologies can help in the educational process being an ally not a villain.

Keywords: Technology. Internet. Education. Smartphone.

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

² Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

³ Orientador. Docente do curso de Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

Inúmeros avanços tecnológicos marcam os séculos XX e XXI, destacando-se o aperfeiçoamento informático. Em um mundo globalizado, onde, a principal moeda é a informação, a Internet se torna uma fonte infinita de informações. Essa tendência fica cada vez mais forte nas instituições de ensino, influenciando assim, a forma em que os professores devem agir na sala de aula.

Nos últimos anos, a tecnologia ajuda os professores na hora de planejarem suas aulas, incrementando assim, o modo de ensinar. Por outro lado, os jovens e adolescentes, tem passado a maior parte do seu tempo em seus smartphones, tablet's, notebook's, conectados à Internet, na maioria das vezes em sites de relacionamento.

A escola, por sua vez, deve criar maneiras que conciliem o saber ao prazer, criando um elo entre a tecnologia e a educação, aliando o uso da Internet com o ensino-aprendizagem, fazendo com que as aulas tornem-se mais atrativas e menos monótonas para os alunos que possuem um mundo de informações na palma das mãos, entretanto não fazem o uso correto desta ferramenta tão valiosa para seus conhecimentos.

O intuito de se desenvolver uma pesquisa nessa área justifica-se em, conhecer a importância da Internet e das novas tecnologias e expor os benefícios que trazem à educação. Já que se trata de algo que esta diretamente entrelaçada o nosso dia a dia.

Não se pode ignorar que a chegada da Internet trouxe diversas vantagens ao nosso meio. Além de estreitar laços, ela beneficiou na questão de pesquisas sobre quaisquer assuntos, portanto, devemos obter maneiras de conciliá-la a educação. Todos os acontecimentos têm repercussão simultânea, portanto, devemos analisar a melhor maneira de utilizá-las a nosso favor.

A Internet mudou a forma de escrever, de agir, pesquisar e de falar, dos usuários, este artigo vem com o intuito de transmitir formas de intervenções pedagógicas, utilizando a Internet como APOIO, e não como vilão ou a salvação na educação.

O objetivo principal deste trabalho é melhorar o ensino-aprendizagem dos educandos, inserindo, de forma pedagógica, as Novas Tecnologias da Informação (NTI) no âmbito educacional.

Tendo essa linha de pensamento, buscamos proporcionar aos professores mecanismos e formas para melhorar o ensino nas escolas brasileiras, criando aulas criativas e dinâmicas, onde os alunos se tornem sujeitos pensantes e participativos. Contudo, sabemos que para isso acontecer, devemos romper com velhos paradigmas que ainda estão presentes no cenário educacional, principalmente quando o assunto é o uso das Novas Tecnologias da Informação nas escolas.

A Internet trouxe diversas vantagens para o nosso dia a dia, porém o maior problema visto dentro das salas de aula, é que os alunos passam a maior parte do tempo dando atenção aos seus smartphones deixando de lado o conhecimento transmitido pelo professor. O que acaba por ser um dos motivos pelos quais o uso do aparelho é proibido dentro das salas de aula. Falta aos alunos maturidade e controle na hora de “filtrar” as informações que serão úteis para o uso do aparelho.

Para despertar os alunos para a aprendizagem, os professores devem buscar cada vez mais novidades e mudar sua forma de abordagem diante das novas tecnologias, pois a velha metodologia já se tornou obsoleta e desmotivadora. Para isso, devemos no momento que estamos planejando, buscar maneiras de transmitir o conteúdo, lembrando que estamos em uma época em que toda a informação é alcançada em apenas alguns segundos, devemos considerar que o aluno também é sujeito do conhecimento e o professor nesse processo de ensino-aprendizagem é o mediador.

2 DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Como outras invenções, a Internet ajudou muito na evolução da sociedade atual, com ela, longas distâncias puderam ser encurtadas, pois, com um simples “click” pode-se navegar por todo o mundo. Contudo, para se falar de Internet, devemos saber como ela surgiu, porque e como.

A Internet surgiu no final dos anos 1960, na Guerra Fria, para fins militares, com iniciativa do Departamento de Defesa Americano que queria um sistema de comunicação que fosse capaz de resistir a uma destruição parcial provocada, por exemplo, por uma guerra nuclear.

A ideia principal era criar uma “teia” em que os dados pudessem se mover e que também pudessem “esperar” se fosse necessário, caso as vias de acesso estivessem obstruídas. Foi daí que surgiu o nome Web, que em inglês quer dizer teia. O termo INTERNET foi utilizado pela primeira vez em 1970 por Vinton Cerf. A princípio, a Internet não possuía esse nome, era chamada de ARPAnet pois, foi fruto de pesquisas da Advanced Research Project Agency (ARPA).

Logo quando surgiu, a Internet era exclusivamente de uso militar, apenas a partir de 1969, com pesquisas paralelas na área, que começou a ser utilizada em outros campos. Em 1969 também, foi quando houve a primeira conexão com sucesso dos servidores militares. Neste mesmo ano, foi criado o primeiro ponto de intersecção de dados, que foi considerado o primeiro servidor de Internet, fora de uma base militar, na Faculdade de Los Angeles, nos Estados Unidos. No mês de outubro, foi incorporado o segundo ponto, novembro e dezembro os seguintes, criando assim uma rede de servidores. Com os estudos paralelos, surgiram em 1971, o correio eletrônico e no ano seguinte, um aplicativo que permitia organizar os Emails, foram criações respectivas de Ray Tomlinson e Lawrence G. Roberts.

Apesar de tantos estudos e pesquisas na área, faltava-se criar um mecanismo de dialogo comum a todos que iriam utilizar a Internet, foi então que surgiu o protocolo TCP/IP criado em 1974. No ano de 1990, foi criado o protocolo Hyper Text Transfer Protocol (HTTP) e o de linguagem Hyper Text Markup Language (HTML), o que permitiu a navegação em outros sites. A World Wide Web (www) decolou, a Internet se tornou pública, diversos sites surgiram desde então.

Para se facilitar o uso de tal tecnologia, foi criado navegadores, o que contribuiu para o crescimento da rede de computadores que utilizavam a Internet. Os estudantes utilizavam a Internet para pesquisas escolares, para diversão, por meio dos jogos e para baterem papo. Pessoas desempregadas utilizavam esse

mecanismo para procurarem emprego e empresas utilizavam a Internet para venderem seus produtos e com isso aumentarem seu lucro.

No Brasil, em 1987, houve uma reunião com representantes do governo e da Embratel, na Universidade de São Paulo, com o objetivo de criar uma rede que visasse interligar a comunidade acadêmica e científica do país com outros países para trocar informações.

Esse sistema de comunicação chega ao Brasil a partir da década de 90, restrito a professores, estudantes e funcionários de universidades e instituições de pesquisa, disponibilizado apenas para pesquisa. A Internet só passou a ser comercializada, em meados de 1994, pela empresa de telecomunicações Embratel. O ministério de telecomunicações em conjunto com o Ministério da Ciência e Tecnologia começou a disponibilizar o acesso à Internet para a população brasileira em 1995.

2.1 INTERNET NA EDUCAÇÃO

Como foi notado na história da Internet, a princípio seu uso era restrito aos militares e acadêmicos, apenas muitos anos depois de seu surgimento, ela pode ser utilizada pela população no geral. Hoje, o que mais vemos, são pessoas “conectadas” nesse mecanismo. O que antes era apenas para uma minoria, agora pode ser desfrutado na palma de nossas mãos. Mas, como a Internet influencia a educação? Como utilizá-la de uma forma, em que ela seja parceira no processo educativo? Essas são algumas das perguntas que iremos responder nesse texto.

Muitas vezes quando falamos de tecnologias na educação, nos limitamos a pensar que conciliar a tecnologia no meio educacional é usar os computadores da sala de informática da escola e pronto. Mas as tecnologias vão muito além da sala de computação da escola, a tecnologia está em todo lugar.

O uso de telefones móveis com Internet na sala de aula cresce a cada dia. Os famosos Smartphones estão nas mãos da maioria dos alunos e o seu uso na aula é intenso. Hoje em dia, é difícil pensar na vida do ser humano sem o uso de tal

tecnologia, muitas vezes quando ficamos por algum tempo desconectados acreditamos que perdemos tudo que ocorre no mundo. Os jovens sentem isso mais do que todos, pois eles já nasceram nesse meio, onde tudo está a apenas um click na palma das mãos. Segundo APLLE (1989) apud Lion (1997):

A nova tecnologia está aqui. Não desaparecerá. Nossa tarefa como educadores é assegurar que quando entre em aula faça-o por boas razões políticas, econômicas e educativas, não porque os grupos poderosos querem redefinir nossos principais objetivos educacionais à sua imagem e semelhança.

Na sala de aula os estudantes estão perdendo o encantamento com as aulas por considerarem-nas monótonas, e acabam buscam “refugio” para o seu “tédio” nos seus Smartphones, conectados com o mundo a fora, sem sair do lugar, porém, utilizam esse recurso desenfreadamente, inadequadamente. O professor vem perdendo o seu espaço nas aulas para essa incrível tecnologia, que acaba não sendo utilizada corretamente pelos alunos. Mas, será que se os professores permitissem o uso de tais tecnologias na sala, as aulas não estariam realmente maçantes para essa geração que tem toda a informação em um click? Segundo Silva (2001):

O método de ensino não acompanha a velocidade das mudanças e novidades que surgem a cada momento. O aluno, por sua vez, perde o encantamento com o estudo formal e com a sala de aula. Não é por nada que a opinião corrente entre os alunos é de que as aulas deveriam ser alegres, descontraídos e criativos.

Em pleno século XXI, ainda há professores utilizando métodos de ensino tradicional em uma geração que nasceu com a tecnologia na palma da mão. A Internet faz com que o espaço físico possa ser ultrapassado, porque com ela podemos conversar com outras pessoas sem sair de casa, ler sobre algo que aconteceu em outro país quase que no exato momento do fato, pagar contas, assistir vídeos, entre outras diversas funções que ela nos proporciona.

Hoje as aulas estão monótonas, em meio a tanta tecnologia, os professores parecem ignorar esse avanço e não acolhem a Internet durante suas aulas. De acordo com Moran (2007):

Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Perdemos tempo demais, aprendemos muito pouco, desmotivamo-nos continuamente. Tanto professores como alunos temos a clara sensação de muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. Mas para onde mudar? Como ensinar e aprender em uma sociedade mais interconectada?

Devemos lembrar que os avanços tecnológicos estão cada vez mais influenciando o modo de vida das pessoas, dessa maneira a educação não pode ficar para trás, deve também utilizar esse mecanismo a seu favor. De acordo com Lion (1997): “não educamos na homogeneidade, mas na diversidade. Sabemos que as crianças estão informadas, não desconhecemos o poder dos meios de comunicação, mas relativizamos sua influência.” Sabemos que as crianças estão informadas, então por que continuar com o modo de ensinar tradicional? Recentemente a UNESCO lançou um guia “Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel”, neste documento a instituição estimula e recomenda o uso da TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação) nas salas de aula em conjunto com as disciplinas.

No guia, a UNESCO dá 13 bons motivos para o uso do Smartphones na sala de aula e sugere 10 recomendações para os governos. Algumas desses motivos são: “Permitir a aprendizagem a qualquer hora, em qualquer lugar, Criar novas comunidades de estudantes; Apoiar a aprendizagem fora da sala; Criar uma ponte entre a aprendizagem formal e não formal; Auxiliar estudantes com deficiências”, entre outros. Apesar desses motivos para o uso do celular na sala de aula, ela recomenda alguns itens essenciais para que consiga conciliar isso, como por exemplo: “Treinar professores sobre como fazer avançar a aprendizagem por meio de tecnologias móveis”, não adianta querer inserir essa tecnologia em conjunto com a educação se não treina os professores que serão os principais mediadores desse projeto, “os professores devem receber formação sobre como incorporá-las com sucesso na prática pedagógica” (UNESCO, 2013). O professor é o mediador entre o conhecimento científico e os alunos, ele deve estar preparado para lidar com as mudanças que acontecem ao seu redor, tanto no âmbito educacional, quanto no social.

Hoje na maior parte do tempo, as pessoas estão com aparelhos móveis, e os alunos não são diferentes, usam o celular também durante as aulas e esse uso acaba sendo proibido, pois não prestam atenção na aula, “Não podemos ignorar mais o celular, ele está a todo o lugar. Sou contra a proibição do uso, pois a regra acaba sendo burlada. Será que em vez de proibir, não é melhor acolhê-lo como ferramenta educativa?” disse Maria Rebeca Otero Gomes, coordenadora do setor de Educação da UNESCO no Brasil.

Em outra perspectiva, pode-se compreender o que Rocha (2008) nos diz, em seu artigo sobre O uso do computador na Educação - A Informática Educativa:

[...] Urge usá-lo como tecnologia a favor de uma educação mais dinâmica, como auxiliadora de professores e alunos, para uma aprendizagem mais consistente, não perdendo de vista que o computador deve ter um uso adequado e significativo, pois Informática Educativa nada tem a ver com aulas de computação (ROCHA 2008, p.1).

Verifica-se que o conceito de Informática na educação, esta muito além, da ideia de se haver apenas aulas de computação nas escolas. Diante disso, mensura-se que, essa proposta pode se adequar aos padrões da sociedade em que vivemos, onde, tudo deve ser imediato e que a cada dia constatamos a dependência do ser humano com as tecnologias de informação.

Em seu trabalho, Rocha (2008) critica o uso da informática com forma de adestramento do ser humano, no sentido que, ao invés de se ensinar como se utilizar o computador, o que não deixa de ser importante, devemos ensinar nossos alunos a como utilizarem a seu favor, ensiná-los didaticamente e pedagogicamente como usufruir desse mecanismo que durante algum tempo era apenas para poucos e que hoje esta em quase cem por cento dos lares. Reforçando o que Rocha (2008) diz, podemos fazer uma ligação com Delgado (2006), em seu livro “Intervenções e Mediações das Novas Tecnologias na Educação Básica” nos diz:

A tecnologia apresentasse como meio e instrumento para colaborar no desenvolvimento do processo de aprendizagem. Entretanto a tecnologia não soluciona os problemas do problema educacional no Brasil, pode colaborar, se usada da maneira adequada, para o desenvolvimento educacional dos alunos.

2.2 COLOCANDO EM PRÁTICA

Para desenvolver este trabalho, utilizamos duas formas de pesquisa: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. Na pesquisa bibliográfica buscamos livros de autores que nos auxiliaram sobre o assunto, tivemos um pouco de dificuldade quanto a isso, pois ainda hoje se vê poucas publicações sobre tal assunto. Utilizamos também, sites de pesquisas acadêmicos, artigos e apostilas Online.

A pesquisa de campo foi realizada por meio de um questionário com alunos do Ensino Médio, com idades entre 14 e 20 anos, de uma escola estadual situada município da Serra, estado do Espírito Santo. O questionário levou em conta o que os alunos mais fazem na Internet, seja no computador, notebook, Smartphone e Tablet. O questionário também foi aplicado seus aos professores, que responderam perguntas relacionadas ao uso das tecnologias em seu planejamento e nas suas aulas.

De acordo com a pesquisa, que foi realizada com 305 alunos, observamos que 85,25% desses utilizam o Smartphone para acessar a Internet. Por ser proibido o uso do celular na sala de aula, os estudantes ficaram um pouco intimidados com algumas perguntas, com receio que elas fossem expostas aos professores e acabarem sendo prejudicados. Assim, orientamos que o mesmo não seria repassado para os docentes da escola.

Ao analisar as fichas da pesquisa, verificamos que 48,52% dos alunos manipulam o Smartphone durante as aulas, alguns descreveram que utilizam o aparelho escondido do professor para entrar em aplicativos de conversação, outros relataram que apenas manuseiam o mesmo para ver as horas, usar a calculadora ou fazer uma pesquisa sobre algum assunto da aula.

Quanto ao que fazem quando estão conectados à Internet, 87,21% dos alunos relataram que acessam as redes sociais e apenas 39,02% acessam sites de pesquisa e estudo. A maioria dos alunos relatou que ficam conectados de cinco e seis horas por dia.

Apesar de que mais da metade dos estudantes relataram que não utilizam o celular durante os horários das aulas, 63% deles gostariam que o uso fosse liberado, porém, as opiniões são diversas. A maioria diz que seria uma ótima ferramenta para as aulas, seria mais um meio de aprendizado para o aluno, entretanto, são prudentes em dizer que o acesso teria que ser restrito somente para sites de pesquisa. Alguns alunos até acreditam que com o uso do celular liberado na sala de aula, eles não precisariam carregar livros, pois os mesmos estariam todos no celular, em PDF. Eles acreditam também que deveriam conscientizar a todos sobre o manuseio correto dos Smartphones nas aulas.

Os 37% dos adolescentes que relataram não ser a favor da liberação do aparelho dizem que os alunos não têm maturidade nem autonomia sob o mesmo, por supor que irão se dispersar com facilidade ao invés de ajudar na aprendizagem. Uma aluna do terceiro ano pensa que se liberarem o seu uso, alguns alunos não iriam respeitar o limite e iriam acessar sites que não o ajudariam em nada na aula. Outro aluno, agora do primeiro ano, acredita que tiraria a atenção dos estudantes e conseqüentemente atrapalharia os estudos e os professores. Esses também são pensamentos de alguns professores que responderam a pesquisa.

Verificamos que todos os professores utilizam as novas tecnologias em seus planejamentos e acreditam que elas facilitam na hora de prepararem suas aulas. Quanto a seu uso na sala percebemos que há um grande dilema, pois muitos utilizam apenas a sala de informática como forma de uso das tecnologias na escola e proíbem o manuseio dos celulares durante as aulas. Porém como Liguori (1997) no diz:

A solução não consiste, unicamente, em dispor de um técnico medianamente capacitado encarregado do laboratório de informática e de dar aulas de computação, mas na capacitação de todo o pessoal escolar. Do contrário, como pode se ensinar aos alunos e às alunas a valorizar os aportes das novas tecnologias da informação (NTI) ou promover a utilização dos computadores como meios facilitadores do processamento, [...] se o pessoal docente e não docente da escola continua executando os registros e arquivos técnico-pedagógico e administrativo de forma manual?

Os professores entrevistados entendem essa necessidade em utilizar as novas tecnologias nas escolas, alguns até utilizam por meio de jogos ou aplicativos que

ajudam no conteúdo aplicado em sala, porém eles acreditam que há falta de maturidade nos alunos na hora de utilizarem este recurso. Em sua grande maioria, os alunos acabam por sair do foco da aula, entrando em sites de relacionamentos ou grupos de bate papo.

O que seria ideal no cenário em que estamos? Acreditamos que o certo seria tentar transmitir aos alunos que a Internet não é apenas um meio de diversão, mas também uma ferramenta que ajuda, e muito, no desenvolvimento do pensamento científico e crítico, com ela podemos conhecer um mundo de informações.

Uma grande ferramenta utilizada mundialmente é o site de pesquisas google.com, com ele podemos pesquisar sobre qualquer coisa, desde uma viagem para Las Vegas, até a história de vida do inventor da energia elétrica. Ele é um grande instrumento de pesquisa, porém, deve ser utilizado com responsabilidade. Nós como professores podemos ensinar os alunos a filtrarem as informações recebidas por esse mecanismo, afinal de contas, as informações muitas vezes são “jogadas” para as pessoas e seu uso não é feito da maneira correta.

Por exemplo, podem-se levar os alunos para sala de informática e pedir que eles façam uma pesquisa, porém ao invés de apenas “copiar e colar” o que acharem, eles devem opinar, dialogar e escrever sobre determinados assuntos. Essa é uma maneira de ensiná-los a pesquisarem e desenvolverem seu pensamento crítico.

Além de ensiná-los a pesquisar, também se deve ensiná-los a como utilizarem programas de edição de textos, tabelas, vídeos e slides (Word/PDF, Excel, Sony Vegas e Power Point), etc., claro que não iremos dar um curso de informática, mas, podemos ensiná-los as normas, o que pode ou não ser colocado em um trabalho, como editar e apresentar.

Além dos programas de computador, que auxiliam no processo educativo, hoje com o avanço da tecnologia, existem diversos aplicativos que são instalados nos celulares que trazem explicações, vídeos, exercícios sobre determinados assuntos. Geogebra, Technology Entertainment and Design (TED), The Elements, entre outros, são exemplos de aplicativos que podem ser utilizados como apoio no

processo educativo, lembrando que eles não irão substituir o uso de livros, muito menos a presença do professor para a solução de possíveis dúvidas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos ainda hoje como as tecnologias influenciam no modo de vida das pessoas. Grande parte dos alunos já vem para a escola com um grande conhecimento de mundo acumulado. Muitas vezes esse conhecimento é adquirido por meio do uso das tecnologias. Mas qual seria o papel do educador? Essa foi a questão levantada nesse trabalho. De acordo com o pensador Delgado (2006), o papel do professor deveria ser o de orientador, não apenas o de transmissor:

O professor, exercendo o papel do orientador, vai estimular e introduzir na comunicação escolar as mídias já familiares aos alunos, mostrando que a escola não está dissociada da vida real. O educador, sendo também um cidadão, estimula a ação e a reflexão de seus alunos, procurando sempre respeitar o desenvolvimento individual de cada um, fazendo-o crescer como ser humano e como cidadão, criando seus próprios valores, ideias e ideologia. Tendo como mídia específica as redes e computador presentes na escola.

Infelizmente, no cenário atual da educação brasileira, percebe-se que o uso de tais tecnologias está muito longe de ser utilizado. Contemplamos países desenvolvidos, como o Japão, que fazem uso de tais tecnologias dentro da sala de aula como apoio no processo educativo. Neste país, a tecnologia faz uma ponte entre o conhecimento e a prática dos alunos, ela está a todo o momento na vida dos estudantes.

Como enunciado em todo o texto, percebe-se que há falta de maturidade dos alunos na maior parte das vezes na utilização desse recurso. O que faz que seu uso seja proibido e repreendido na maior parte das vezes. Os professores por sua vez, acreditam que o uso pode ser feito de forma benéfica, porém, pelo fato dos alunos não saberem aproveitar acabam censurando e punindo seu uso.

4 REFERÊNCIAS

DELGADO, Omar Carrasco. **Inserção e Mediações das Novas Tecnologias na Educação Básica**. Vitória: Grafer, 2006.

DUMAS, Véronique. **A origem da Internet**: A história da rede de computadores criada na Guerra Fria que deu início à Terceira Revolução Industrial. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_nascimento_da_Internet.html>. Acesso em: 10 nov. 2014.

KLEINA, Nilton. **A história da Internet**: pré-década de 60 até anos 80 [infográfico]. 2011. Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/infografico/9847-a-historia-da-Internet-pre-decada-de-60-ate-anos-80-infografico-.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

LITWIN, Edith (Org.) **Tecnologia Educacional**: política, histórias e propostas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 13. ed. Campinas: Papirus, 2007.

ROCHA, Sinara Socorro Duarte. O uso do Computador na Educação: a Informática Educativa. 2008. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 5, jun. 2008.

SILVA, Mozart Linhares da (Org.). **Novas tecnologias**: educação e sociedade na era da informação. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

UNESCO. **Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002277/227770por.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

A INSERÇÃO DA ARTE NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Adriana Castro Bonfante¹
Jéssica Fernandes²
Rhamona Sales³
Geruza Ney Alvarenga⁴

RESUMO

O presente artigo aborda a importância da arte no processo de ensino e aprendizagem discutindo questões sobre a relação de ensino e aprendizagem no Ensino fundamental, series iniciais, desenvolvidos na disciplina de artes e a prática pedagógica do professor no cotidiano escolar, envolvendo a estruturação da escola e a cultura vivenciada pela comunidade, bem como o interesse pela disciplina de arte, curiosidade no que está sendo inserido e sua imaginação criadora, tendo como foco o currículo da escola, plano de aula do professor(a) e interação com o discente.

Palavras-chave: Arte. Brincadeira. Ensino. Aprendizagem.

ABSTRACT

This article discusses the importance of art in teaching and learning process discussing questions about the educational relationship and learning in primary education, initial series, developed in the arts discipline and the pedagogical practices of the teacher in the school routine, involving the school structure and the culture experienced by the community as well as the interest in the art of discipline, curiosity in what is being entered and his creative imagination, focusing on the school's curriculum, teacher lesson plan (a) and interaction with the students.

Keywords: Art. Just kidding. Teaching. Learning.

As maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brincar, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade (Lev Vygotsky).

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

² Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

⁴ Orientadora. Docente do curso de Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como a temática a relevância da arte no processo de ensino e aprendizagem na educação focalizando as séries iniciais do ensino Fundamental I. O objetivo do trabalho é analisar a prática pedagógica do professor das series iniciais e de que forma está sendo trabalhada essa disciplina na sala de aula. Qual a contribuição da disciplina na aprendizagem do aluno, ressaltando a importância metodológica da disciplina no currículo escolar para o ensino de artes envolvendo as quatro linguagens, (artes visuais, dança, música e teatro). A escolha do tema se da justamente pela relevância da educação artística no ensino fundamental I, onde o aluno desenvolve a coordenação motora e por meio dos trabalhos e todos os seus sentimentos aprendendo a se relacionar com o mundo.

O papel do professor de arte é fundamental nesse processo, pois de acordo com os parâmetros curriculares nessa disciplina o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção, imaginação tanto como realizar formas artísticas como apreciar e conhecer as formas produzidas por eles e pelos seus colegas, pela natureza e diferentes culturas.

A metodologia abordada, neste artigo, é de cunho bibliográfico com base em livros, legislações diversos autores que abordam o tema. A pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e impressa escrita.

2 CONTEXTUALIZANDO O ENSINO DE ARTES NO BRASIL

Ao resgatar mesmo sendo brevemente a história do ensino de artes no Brasil pode-se observar que existem várias direções com relação às finalidades, cursos e ao desempenho dos docentes e também às políticas educacionais, pedagógico e focos de filósofos. Pode se dizer que a arte é identificada por um olhar filosófica e humanista, que são marcados pelas tendências tradicionalistas e escola novista.

Na escola tradicional os professores trabalham em cima de livros didáticos, manuais conforme a escolha do profissional, tendo o ensino centralizado no professor de forma mecânica, cabendo a ele a transmissão de linguagem e conteúdos. Com a tendência escola nova as escolas brasileiras passaram ter outras práticas no ensino e aprendizagem de arte, centralizando no desenvolvimento próprio da criança, valorizando as necessidades e absorção, considerando as formas de expressão e o seu entendimento sobre mundo.

A Introdução da Educação Artística no currículo escolar foi um progresso especialmente na compreensão no que diz a respeito à arte na formação do sujeito, tendo como princípios de pensamentos inovadores. O efeito desse avanço, entretanto foi incoerente e paradoxal, pelo fato dos professores não estarem aptos e muito menos treinados para várias linguagens, que precisavam ser introduzidos no conjunto de exercícios artísticas sendo elas Artes Plásticas, Educação Musical e Artes Cênicas.

O sistema educacional na época de 70 e 80 passou por dificuldades em relacionar a teoria e a prática, os profissionais formados em Educação Artística utilizavam os guias curriculares, livros didáticos que não possuíam metodologias e orientações e nem a bibliografia específica. As faculdades ofertavam formações sem base conceituais, que causou insegurança por parte do professor que buscava equilibrar com atividades envolvendo a música, corporais e plásticos mesmo sem saber ou conhecer.

Nos anos de 80 surgiu o movimento Arte-Educação, visando estruturar o profissional, despertando o movimento nos professores de artes formal e informal. A partir desse movimento começou a discutir também sobre a valorização e o aperfeiçoamento do professor, devido à falta de conhecimento e habilidades na área.

Conforme os Parâmetros curriculares Nacionais de artes (BRASIL, 2000, p. 30):

Em 1988, com a promulgação da Constituição, iniciam – se as discussões sobre a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que seria sancionada apenas em 20 de Dezembro de 1996. Convictos da importância

de acesso escolar dos alunos de ensino básicos também à área de artes houve manifestações e protestos de inúmeros educadores contrários a uma das versões da referida lei, que retirava a obrigatoriedade da área.

Com a Lei n. 9.394/96 a Artes passa ser considerada obrigatória na educação básica conforme o artigo 26, § 2.º: “o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Sendo assim, nota - se que a partir do movimento e conscientização dos professores fez com que evoluíssem discussões adquirindo concepções, metodologias para o processo de ensino- aprendizagem de artes nas escolas. Mais adiante na década de 90, houve novas tendências curriculares em artes, visando incluir a arte no currículo como área, tendo conteúdos voltados à cultura artística.

2.1. A METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR EM ARTE

A metodologia educativa na Arte inclui escolhas profissionais do professor quanto os assuntos relacionados à área de arte, contextualizando no que é trabalhado com os alunos. Os docentes de arte, comprometidos na democratização de saberes artístico procuram instruir os educandos rumo ao fazer e o entender as diversas modalidades e a história cultural das mesmas.

Segundo Ferraz e Fusari (1993), esse posicionamento na escolarização de crianças e jovens em arte tem uma história com várias marcas presentes em nossas atuais ideias e práticas tanto estética quanto pedagógicas.

Algumas dessas marcas históricas queremos conservar e outras queremos transformar para melhor, tendo em vista o compromisso escola de ajudar na democratização da cultura artística junto aos estudantes. Exemplificando, há professores cujo ideário é desenvolver cursos de arte com aulas em que não existam atitudes educativas diretivas com os alunos. Assim, esses professores entendem que basta organizar e coordenar os ambientes das salas de aula provendo-os com vários materiais para que aconteçam trabalhos espontâneos, livres

e para que assim os alunos saibam arte. Com esse ideário, esses docentes poucos interferem nos rumos do curso e nos estudos artísticos. São professores cujos posicionamentos em educação escola em arte não são de todo incorretos, todavia, são incompletos e reduzidos. (p.99)

Há professores que assumem a formação dos alunos em arte somente das interferências no fazer e no entender trabalhos artísticos, como organizar aulas somente com atividades de colorir desenhos prontos e já impressos ou produzir danças e músicas já conhecidas. Sendo assim muitos docentes ao assumirem esta postura não se interessam, não se preocupam ou desconhecem um modo mais educativo na relação que os estudantes têm sobre a cultura, obras de arte, elaboração criativa pessoal, grupal e transformações cognitivas no entendimento da arte.

Para desenvolver este trabalho em um clima de respeito, liberdade e afeto, para que o aluno se sinta completamente à vontade para se expressar da forma que melhor achar e expor sentimentos, valores, emoções através de sua prática em obras como: desenhos, esculturas, dança, música e pintura. Assim, contribui para o senso criativo e crítico do aluno, partindo da realidade do próprio aluno e da sociedade e cultura ao qual está inserido, o educador pode perceber vários aspectos como emocional, e até mesmo situações familiares, respeitando sua capacidade e individualidade.

O Docente comprometido com a qualidade das aulas e com a visão ampla acerca da arte-educação, espaço e materiais pode ser improvisado buscando as melhores maneiras de se atingir os objetivos que a disciplina apresenta atualmente. É claro que, se tivermos em mãos equipamentos e espaços adequados, o processo acontece com maior riqueza e mais facilmente, entretanto o saber ler, analisar e opinar hoje conta muito do propriamente produzir.

Portanto com criatividade, planejamento, estudo e dedicação transformam aulas em projetos de aprendizagem de conteúdo das diferentes disciplinas, resgatando a motivação do aluno por meio da grande responsabilidade que é educar de forma plena e eficaz, agradável e lúdica, ousada e inovadora.

3 O PROFESSOR E ALUNO NO ESPAÇO DE ARTES

O papel do docente é importante no ensino, pois é ele que oferece condições para os estudos e transmitir o conhecimento ao aluno. A criança está frequentemente assimilando aquilo que está em seu redor, cabendo ao professor de arte saber lidar com os acontecimentos na sala de aula, introduzindo sua metodologia de trabalho. É importante observar o que ocorre nos passeios, nos trajetos de ida e volta à escola, nas brincadeiras, programas de rádios e televisão e analisar se essas vivências estão contribuindo com o desenvolvimento do aluno. A tarefa do professor de artes é auxiliar o desenvolvimento a partir dessas percepções.

Qualquer conceito estético ou artístico pode ser trabalhado a partir do cotidiano tanto da natureza quanto da cultura como um todo. Assim, é bastante enriquecedor solicitar que as crianças levem para a escola, por exemplo, elementos que se refiram a um determinado assunto de artes a ser trabalhado. O professor também deverá fazê-lo. Desta maneira, havendo interesse em trabalhar as percepções e seus elementos (como texturas, cores), pode se colecionar da natureza – flores, folhas, gravetos, pedras, etc. – ou de materiais produzidos pelo homem – como tecidos, pedaços de papeis, rótulos, embalagens, fotografias, ilustrações, objetos de uso cotidiano, sons, canções e outros – que serão reunidos na classe como material auxiliar para as aulas de artes. (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 49)

O professor deve trabalhar esses materiais conforme o envolvimento e plano de aula, ajudando a concretizar os conhecimentos sobre artes. Em qualquer idade a criança tem capacidade para assemelhar as diversidades formais, estruturais e cromáticas existente no mundo no qual ele está inserido.

O contato da criança com as obras de artes também é outro ponto importante, porque possibilita a praticar as atividades artísticas, adquirindo novos repertórios relacionando com suas experiências já estabelecidas em sua vida. O professor deve mostrar aos alunos as diversas possibilidades que encontramos através das expressões artísticas, considerando inúmeros elementos que compõem a arte.

É necessário que o professor possibilite aos alunos o desenvolvimento de sua percepção, imaginação, raciocínio, dentre outros aspectos que ajudarão no processo de ensino aprendizagem, tornando os seres capazes de analisar, refletir e emitir opiniões. Ferramentas simbólicas para abrir a fantasia e a criatividade do aluno, abrem caminhos para a autonomia e construção de significados, sentidos, aprendizagem e regras sociais.

O docente tem na Arte um grande suporte para seu trabalho educativo, por meio do qual se têm a possibilidade de observar tendências individuais e a partir destas, encaminhar a formação do gosto, estimular a inteligência e ajudar na formação da personalidade de seus alunos, quando o mesmo brinca passa a desenvolver várias competências, afetividade, linguagem oral e escrita, motricidade, percepção, memória e a representação de mundo.

Ao pesquisar a aprendizagem do fazer artístico, apoiados no pensamento de Vygotsky onde o mesmo enfatizava o processo histórico-social e o papel da linguagem no desenvolvimento do indivíduo. Sua questão central é a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio social. Para o teórico, o sujeito é interativo, pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio, a partir de um processo denominado mediação. Em uma nova perspectiva de olhar o desenvolvimento das crianças.

Sua abordagem sempre foi orientada para os processos de desenvolvimento do ser humano com destaque a dimensão sócia histórica e na interação do indivíduo com o outro no espaço social. Não podemos pensar que o aluno vai se desenvolver com o tempo, pois ela não tem, por si só, instrumentos para percorrer sozinho o caminho do desenvolvimento, que dependerá das suas aprendizagens mediante as experiências a que foi exposta.

A criança é reconhecida como ser pensante capaz de ligar suas ações às representações do mundo que constitui sua cultura, sendo a escola um espaço e um tempo onde este processo é vivenciado, onde o processo de ensino-aprendizagem envolve diretamente a interação entre indivíduos.

A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é a distância entre o nível de desenvolvimento real, ou seja, determinado pela capacidade de resolver problemas independentemente, e o nível de desenvolvimento proximal. Determina pela capacidade de solucionar problemas com ajuda de um indivíduo mais experiente. São as aprendizagens que ocorrem na ZDP que fazem com que a criança e ao adolescente se desenvolvam ainda mais. É justamente nesta zona de desenvolvimento proximal que a aprendizagem vai ocorrer. A função de um educador escolar, por exemplo, seria, então, a de favorecer esta aprendizagem, servindo de mediador entre a criança e o mundo. Conforme Vygotsky (1991, p. 64-65):

Resumindo, o aspecto mais essencial de nossa hipótese é a noção de que os processos de desenvolvimento não coincidem com os processos de aprendizado. Ou melhor, o processo de desenvolvimento progride de forma mais lenta e atrás do processo de aprendizado; desta sequenciação resultam, então, as zonas de desenvolvimento proximal. Nossa análise modifica a visão tradicional, segundo a qual, no momento em que uma criança assimila o significado de uma palavra, ou domina uma operação tal como a adição ou a linguagem escrita, seus processos de desenvolvimento estão basicamente completos. Na verdade, naquele momento eles apenas começaram. A maior consequência de se analisar o processo educacional desta maneira, é mostrar que, por exemplo, o domínio inicial das quatro operações aritméticas fornece a base para o desenvolvimento subsequente de vários processos internos altamente complexos no pensamento das crianças.

Arte é fundamental na educação, pois os alunos irão desenvolver a coordenação motora por meio das atividades inseridas no ambiente escolar e aprenderão a trabalhar em grupos para que eles aprendam a compartilhar, a perceber que não estão sós no momento de criação. Abordar o ensino de Artes é importante para que se leve a uma reflexão no que se refere à formação dos alunos, os espaços e materiais fornecidos pelas escolas são ainda insuficientes, atendendo apenas em partes as demandas da disciplina.

Refletir sobre a presença da arte na escola nos leva a necessidade de compreendermos a realidade de diversas discussões que já foram feitas em torno da importância e da necessidade da arte na escola enfatizando as possibilidades do homem interagir com o mundo que o cerca. O mesmo autor afirma que:

Tivemos a oportunidade de observar como o desenho das crianças se torna linguagem escrita real, através de experimentos onde atribuíamos as crianças a tarefa de representar simbolicamente algumas frases mais ou menos complexas. Nesses experimentos, ficou absolutamente clara a tendência, por parte das crianças em idade escolar, de mudar de uma escrita puramente pictográfica para uma escrita ideográfica, onde as relações e significados individuais são representados através de sinais simbólicos abstratos.

Observamos bem essa dominância da fala sobre a escrita numa criança em idade escolar que escreveu cada palavra da frase em questão através de desenhos individuais. Assim, a frase - "Eu não vejo as ovelhas, mas elas estão ali" - foi representada da seguinte forma: a figura de uma pessoa ("Eu"), a mesma figura com os olhos cobertos ("não vejo"), duas ovelhas ("as ovelhas"), um dedo indicador e várias árvores atrás das quais podia-se ver as ovelhas "mas elas estão ali". A frase "Eu respeito você" foi representada da seguinte maneira: uma cabeça ("Eu"), duas figuras humanas, uma das quais com um chapéu nas mãos ("respeito") e outra cabeça ("você")" (p.80-81).

A linguagem é um processo a construir na escola e na sociedade, a criança e o adolescente vive em um mundo de simbologias. O sistema da fala, rabiscos, pronúncia, palavras, desenhos e as escritas em geral linguagem lenta que deve ser acompanhadas por um adulto sociocultural. Todos são falantes natos e questionam. E com isso a eles tem que ser avaliados, instrumento para reflexão da prática docente.

3.1. A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE ARTES NA FORMAÇÃO HUMANA

Trabalhar arte na educação escolar demanda requerer seleção dos professores em termos de propostas, escolhas, estando essas diretamente relacionadas aos conhecimentos que possuem sobre arte, educação, aprendizagem na instituição escolar e os propósitos da escola na vida dos alunos, todas as áreas de conhecimento são importantes na formação humana, pois, cada uma traz para a humanidade várias contribuições, intervenções didáticas, os documentos que

norteiam e direcionam os conteúdos do ensino de artes sobre nossa prática formação na elaboração de projetos e ações de intervenção pedagógica. A arte tem a função tão importante quanto os outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem.

Desse modo, a introdução da atividade de artes ajuda no desenvolvimento do pensamento artístico, físico, intelectual dos alunos buscando uma relação do ensino e aprendizagem de artes com as práticas desenvolvidas nas aulas do fundamental I, onde o aluno amplia a percepção, a reflexão e a imaginação. O contexto sobre o ensino fundamental nos Parâmetros Curriculares nacionais tem como objetivo formar alunos capazes de compreender e participar do mundo social e democrático, respeitando seus direitos e deveres. Mostrando ser responsável e estabelecer críticas construtivistas através de diálogos.

Ter conhecimento sobre as características do Brasil suas culturas e identidade, valorizando sem discriminação social, racial, sexual e contribuir com a melhoria ambiental da nação brasileira. Desenvolver conhecimento pessoal sobre capacidades física, afetiva, ética. Valorizar e cuidar da saúde e qualidade de vida no individual e coletivo. Utilizar intelectualmente as diferentes linguagens verbais, corporal, matemática, plástica e gráfica, recursos tecnológicos para valorizar a construção do conhecimento. Questionar formulando problemas e resolução para os mesmos com pensamento lógico e criativo.

Conforme Vygotsky (1999, p. 315): “A arte é o social em nos, e o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que suas raízes e essência sejam individuais”. Nesta concepção, a arte é concebida como ação humana intencional que recria a realidade material e transforma o próprio sujeito, sob a concepção social e histórica do psiquismo, um resultado imediato dessa concepção reside em não se compreender a arte como fruto de um homem só, o artista, mas como um objeto cultural, elaborado sob dada técnica construída socialmente e com temática para objetivar os sentimentos e, entendemos as demais capacidades mentais tipicamente humanas. Pela interação social, aprendemos e nós desenvolvemos, criamos novas formas de agir no mundo, ampliando nossas ferramentas de atuação.

A criança é o adolescente é um ser em constante mobilidade e utiliza dela mesma para ter conhecimentos daquilo que os cercam. Contudo, abordarmos o ensino de Arte e percebemos que foram inúmeras as tendências que influenciaram o ensino e aprendizagem da disciplina ao longo de sua história.

3.2 ARTE NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

O ensino Fundamental é um momento escolar importante para o aluno, devido à fase de desenvolvimento onde ele começa a buscar compreensão do universo adulto dentro de suas possibilidades. Despertam a curiosidade em saber sobre temas relacionados à vida social e como as coisas são produzidas. De acordo com a Lei de Diretrizes básicas da Educação em seu artigo com a redação dada pela Lei n 11.274, de 2006 diz que: O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão.

E estabelece ainda em seu artigo art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos e em seu parágrafo 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Os parâmetros curriculares Nacionais (PCN) de artes: são características desse novo marco curricular as reivindicações de identificar a área por arte (e não mais por educação artística) e de incluí-la na estrutura curricular como área com conteúdos próprios ligados á cultura artística, e não apenas como atividade (MARTINS; PISCOSQUE; GUERRA, 1998, p.13).

Assim, o processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno no ensino de arte é preciso conhecer e utilizar diferentes técnicas artísticas, materiais e recursos

presentes em diferentes povos e culturas, como meio para comunicar e expressar, perceber, analisar e criar formas artísticas, exercitando a imaginação criadora, cultivando a curiosidade e a autonomia no agir e no pensar artes.

Através da arte o indivíduo desenvolverá a criatividade e as linguagens estéticas e a imaginação criadora, através do desenho, da pintura e das construções, ampliando a sensibilidade e as formas de interpretação e representação de mundo. Elaborar cenas corporais a partir dos diálogos e das relações interpessoais.

Sendo assim, no processo do ensino fundamental o aluno desenvolverá competências nas diversas modalidades da área de arte, nas produções de trabalhos, ao apreciar, valorizar trabalhos artísticos de diferentes povos e culturas produzidos ao longo da história, destacando a importância metodológica da disciplina no currículo escolar para o ensino de artes envolvendo as quatro linguagens, artes visuais, dança, música e teatro.

3.3 AS LINGUAGENS DA ARTE

Os Parâmetros Curriculares Nacionais enfatizam o ensino e a aprendizagem de conteúdos que colaboram para a formação do cidadão, buscando igualdade de participação e compreensão sobre a produção nacional e internacional de arte. A seleção e ordenação de conteúdos gerais de Arte têm como pressupostos a classificação de alguns critérios, que também encaminham a elaboração dos conteúdos de Artes Visuais, Música, Teatro e Dança e, no conjunto, procuraram promover a formação artística.

As artes visuais, além das formas tradicionais (pintura, escultura, gravura, arquitetura, desenho, artefato, desenho industrial) incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas a partir de modernidade (fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação e performance).

As imagens visuais são constituídas por formas, cores, linhas, pontos que percebemos pela visão. Muitas imagens que existem ao nosso redor são

construídas com objetivo de transmitir mensagens. As imagens que transmitem mensagens, como as imagens publicitárias e os sinais, tem formas bem definidas, para que a informação possa ser entendida rapidamente. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 2000, p. 61):

A educação em artes visuais requer trabalho continuamente informado sobre os conteúdos e experiências relacionados aos materiais, as técnicas e as formas visuais de diversos momentos da história, inclusive contemporâneos. Para tanto, a escola deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística, pessoal e grupal.

A Música sempre esteve associada às tradições e as culturas de cada época. Atualmente, o desenvolvimento tecnológico aplicado às comunicações vem modificando consideravelmente as referências musicais das sociedades por meio de rádio, televisão, computador, jogos, eletrônicos, cinema, publicidade, etc. A música é uma arte, mas também uma linguagem, que há muitos anos os homens utilizam para se comunicar. Para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula. Os professores devem incentivar a participação dos alunos em shows, festivais, concertos, eventos da cultura popular e outras manifestações musicais, ela pode proporcionar condições para uma apreciação rica e ampla onde o aluno aprenda valorizar os movimentos importantes em que a música se inscreve no tempo e na história.

A dança é uma das formas de linguagem corporal elaborada pela sociedade ao longo da história. A dança também uma das maneiras que o ser humano usa para poder se comunicar de um jeito diferente com ele mesmo, com os outros e com o mundo. A atividade da dança na escola pode desenvolver na criança a compreensão de sua capacidade de movimento, mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona. As danças possuem uma forma de integração e expressão tanto individual quanto coletiva, em que o aluno exercita a atenção, a percepção, a colaboração e a solidariedade.

O teatro tem como fundamento a experiência de vida: ideias, conhecimentos e sentimentos. A sua ação a ordenação desses conteúdos individuais e grupais. O teatro no processo de formação da criança cumpre não só função integradora, mas da oportunidade para que se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sócias e culturais sua comunidade mediante trocas com seus grupos. O teatro no ensino fundamental proporciona experiências que contribuem para o crescimento integrado da criança sob vários aspectos. No plano individual, no desenvolvimento de suas capacidades expressivas e artísticas. No plano coletivo, os teatros oferecem o exercício das relações de cooperação, dialogo respeito mútuo, reflexão sobre como agir com os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia como resultada do poder agir e pensar sem coerção.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, pode-se notar que a história do ensino de Arte no Brasil está ligada às tendências pedagógica tradicional e escola nova, predominantes em cada época, as quais traduzem uma atenção no que diz respeito à formação profissional dos alunos influenciada pelas demandas do mercado de trabalho, que define ao longo do tempo, que o desenvolvimento do aluno está relacionado ao perfil estabelecido pela sociedade a que pertence.

Sendo assim, para que o Ensino de Arte tenha significado é necessário, promover mudanças na qual o currículo é proposto dentro das escolas. Deve-se buscar uma aprendizagem na qual o aluno considere o objeto de estudo como algo significativo e importante para a sua vida.

O professor precisa compreender a diversidade de situações-problemas que podem ocorrer das mais diversas maneiras e se apresentam a cada aluno em particular, segundo seu nível de competência e as determinações internas e externas de um momento de criação, dentro de seu processo de aprender a realizar formas artísticas.

Portanto, é importante que o professor faça as adaptações necessárias, o espaço disponível da escola e os materiais de apoio para a realização das atividades. As artes visuais, a música, a dança e o teatro pedem que as suas particularidades sejam abordadas ao mesmo tempo em que interagem com o currículo, como, por exemplo, desenvolver a criatividade, a sensibilidade e autocontrole. Na prática, os projetos podem envolver ações entre disciplinas, como, Língua Portuguesa e Arte, ou Matemática e Arte e assim por diante, os conteúdos dos temas transversais são favoráveis para o trabalho com projetos em Arte. Sugere-se, que o professor comece desde cedo a integrar as diferentes expressões artísticas.

Pode-se usar as práticas curriculares como a interdisciplinaridade, trabalhando de forma interativa, com a pedagogia de projetos favorecendo a aprendizagem dos alunos com temáticas da realidade para o planejamento, sendo sociointeracionista mediando e socializando, trazendo uma aprendizagem que seja feita em processos, construtivista. Usar instrumentos de avaliação do professor, portfólios, com o qual o aluno possa formar uma pasta com as suas atividades, produções e textos, mostrando uma avaliação diagnóstica do desenvolvimento do aluno. Esse portfólio marca o desenvolvimento do aluno e uma progressão no componente curricular, o que possibilita ao professor observar o desenvolvimento das habilidades pretendidas.

Contudo são essenciais aos gestores escolares, coordenadores, professores e todos envolvidos na formação escolar, que são os principais responsáveis por construir ambientes de integração social e cultural e que têm o poder de promover a formação de novos músicos, pintores, atores e artistas plásticos, por meio do que deve ser de conhecimento de todos profissionais da educação.

5 REFERÊNCIAS

COLL, Cesar; TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo Arte**: conteúdos essenciais para o Ensino Fundamental. São Paulo: Ática, 2000.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei 9.394/1996. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

BRASIL. **MEC**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: arte. Brasília: MEC/SEEFF, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: arte. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Didática do ensino de arte: a língua do mundo. **Poetizar, Fruir e Conhecer Arte**. Mirian Celeste Martins, Gisa Picosque, M. Terezinha Telles Guerra. São Paulo: FTD, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

O PAPEL DO ESTAGIÁRIO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DA SERRA: DESCORTINANDO AS PRÁTICAS

Ana Lucia dos Santos Ricardo¹

Oscar Omar Carrasco Delgado²

RESUMO

Este artigo pretende mostrar como é a atuação do estagiário no contexto da educação especial do município de Serra, além de suscitar a reflexão sobre sua contribuição para o desenvolvimento do aluno com deficiência, mesmo não recebendo formação específica na área de educação especial, mas com a fundamentação teórica realizada no curso de pedagogia, estes sujeitos que fazem parte deste contexto relatam realidades que por vezes variam de escola para escola, porém pertencem ao mesmo sistema de ensino. O trabalho de pesquisa foi desenvolvido por meio de uma abordagem metodológica qualitativa, e teve como método o estudo de caso. Foram aplicados questionários para descrição, compreensão e análise de como é desempenhado o trabalho dos estagiários junto aos alunos com deficiência das salas regulares do ensino fundamental da rede municipal da Serra. Sendo assim, selecionou-se cinquenta estagiários de escolas de ensino fundamental distribuídos pelas várias regiões de Serra, sendo basicamente um em cada escola. Como resultados, foi possível verificar por meio das respostas dos questionários quais são as dificuldades desses estagiários para realizarem seu trabalho, se receberam capacitação/orientação, se tem conhecimento de suas atribuições, bem como seu entendimento sobre inclusão.

Palavras-chave: Papel do estagiário. Atribuições. Educação especial.

ABSTRACT

This article aims to show how is the performance of the intern in the context of special education in the municipality of Serra, in addition to encourage reflection on their contribution to the development of the student with disability, even not having specific training in the area of special education, but with the theoretical foundation held in pedagogy course, these subjects that are part of this context reported realities that sometimes vary from school to school, but belong to the same system of education. Questionnaires were applied to description, understanding and analysis of how it is played the work of interns with students with disabilities in regular municipal rooms schools of Serra. Thus, were selected 50 interns in elementary schools distributed across the various regions of Serra, being basically each one of them in each school. As a result, it was possible to verify by means of the answers of the questionnaires which are the difficulties of these interns to carry out their work, if they have received training/guidance, if they are aware of their attributions, as well as their understanding of inclusion. This work can contribute to a revision in the process of

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

² Orientador. Docente do curso de Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

treating of this subject and indicates that a pedagogical mediation throughout the process, but mainly in the initiation stage is essential for the development of skills and abilities of the child in need of special education.

Keywords: Performance of the intern, attributions, special education

1 INTRODUÇÃO

O estágio contribui para o processo de formação do estudante de pedagogia, visto que as experiências vividas na sala de aula, as observações e interações com os sujeitos escolares são fundamentais para a compreensão do processo de ensino - aprendizagem.

Atualmente o estagiário de pedagogia do município de Serra já é diretamente direcionado para trabalhar na área de Educação Especial, esse sujeito não tem direito a escolher estagiar somente como apoio do professor no processo de ensino aprendizagem. Por vezes fica na sala de aula com até dois alunos com necessidades educacionais especiais de vez.

Analisar como é desempenhado a prática do estagio extracurricular/ profissional na área de Educação Especial nas salas comuns do Ensino Fundamental do Sistema Municipal de Serra- ES é de suma importância para refletir sobre o que se conhece na teoria e o que é vivido na prática e até mesmo verificar se este sujeito tem contribuído para o processo de inclusão escolar.

Portando pretende-se neste trabalho discutir o papel e atribuições da função do estagiário, analisando e comparando as principais atividades descritas no termo de compromisso e a prática cotidiana. Desta forma foram realizadas entrevistas à estagiários do 3º, 4º, 5º, 6º e 7º período de pedagogia que fazem estágio pela Prefeitura da Serra para relato de suas experiências na área de educação especial e descrição de eventuais dificuldades neste trabalho, caso positivo foi pedido para que pontuassem quais são e o que os motiva a continuar, visto que o estágio extracurricular é uma opção pessoal do estudante de pedagogia. Será investigado

se existe capacitação e/ou orientação para desempenho da desta função já que grande parte dos estagiários chegam à escola sem experiência.

Sendo assim, a questão central deste artigo é: como os estagiários da educação especial nas séries iniciais do ensino fundamental do município da Serra vem atuando? Qual papel tem desempenhado e quais dificuldades encontradas no cotidiano escolar?

Este trabalho apresenta uma abordagem qualitativa, por meio de estudo de caso com aplicação de questionário com questões abertas e fechadas aplicados à 50 graduandos em licenciatura em pedagogia, dos quais foram entregues 48 questionários. Também foram feitas entrevistas ao coordenador de estágio e responsável pelo departamento de Educação Especial/ Serra para se obter informações sobre o contrato, atuação, capacitação, orientações recebidas, bem como o processo de inclusão na rede municipal da Serra.

2 CONCEITUAÇÃO DE ESTÁGIO: TEORIA E PRÁTICA

O estágio visa o aprendizado das competências inerentes à atividade profissional e tem duas modalidades: o obrigatório e o não obrigatório. O primeiro é requisito para aprovação no curso, já o segundo é contabilizado como acréscimo à carga horária obrigatória. Em nenhum dos casos há vínculo empregatício, mas um contrato norteado por um termo de compromisso que será firmado entre o educando, a instituição de ensino e a concedente. Segundo a Lei 11.788, de setembro de 2008, art 1º, o estágio é definido como:

[...] ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

O estágio contribui para a formação do estudante de pedagogia, visto que as experiências vividas na sala de aula, as observações e interações com os sujeitos escolares são fundamentais para a compreensão do processo de ensino - aprendizagem.

Segundo Pimenta (2010), o estágio tem por finalidade propiciar ao aluno, uma aproximação à realidade que irá atuar e é componente curricular dos cursos de formação de professores, sendo uma atividade teórica, preparadora de uma práxis. Sendo assim, entende que o estágio prepara o acadêmico para a práxis docente, essa é uma fase de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, é neste contexto que a práxis se dá. Pimenta e Lima (2010)

Como nos diz Pimenta e Lima (2010), o estágio pode não ser uma completa preparação para o magistério, mas dá o sentido da profissão, a realidade das escolas e dos professores nessas escolas. Porém o exercício profissional de professores no Brasil, desde suas origens requer o cumprimento apenas do estágio curricular:

A prática que se exigia para a formação da futura professora era tão-somente aquela possibilitada por algumas disciplinas do currículo (prática curricular). A prática profissional como componente da formação, sob a forma de um estágio profissional, não se colocava como necessária [...]. O estágio obrigatório não é garantia que o acadêmico estará preparado para regência na sala de aula. Estudos revelam que a observação é feita sem objetivo predeterminado, sem preparo e muitas vezes sem a assistência de professor capaz de discutir e analisar criticamente o que foi observado (PINHEIRO, 1996 apud PIMENTA, 2010).

Tanto o estágio supervisionado, quanto o estágio extracurricular/ profissional apresentam dificuldades, seja devido às condições para sua realização efetiva como carga horária de alunos e professores, seja devido a diferentes entendimentos quanto a sua finalidade e função (PIMENTA, 2010).

Diante disso, pergunto se o estágio é verdadeiramente uma preparação para os futuros professores ou está sendo uma forma de atender a "demanda", uma obrigação que o Estado tem a cumprir e por não contar com um contingente de profissionais capacitados, delegam aos estagiários a responsabilidade de

acompanhar os alunos com necessidades especiais. Ora, estes estagiários ficam quatro/ cinco horas do período matutino ou vespertino com toda sua atenção voltada para estas crianças, sendo difícil acompanhar a prática do professor no processo de ensino aprendizagem.

Assim sendo, a realidade da escola pública colocará em questão se esta etapa será uma iniciação profissional ou apenas uma experiência na área de educação especial, pois muitos estudantes se identificam e querem se especializar, outros conseguem ver que "está não é a sua área" e partem para outra e muitos permanecem estagiando por que gostam e/ou precisam do salário.

3 EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO

Segundo o Censo Escolar da Educação Básica (BRASIL, 2012 apud ZERBATO, 2013), houve um acréscimo significativo do número de matrículas de alunos com deficiência, o qual pode ser percebido nos dados de 2007 a 2011, período em que houve um aumento aproximado de 82% de alunos com necessidades educacionais especiais incluídos em classes comuns do ensino fundamental.

Pimenta e Lima (2010) nos diz que essa ampliação quantitativa, em grande parte resultante da reivindicação dos educadores e da população, não correspondeu a melhoria das condições de trabalho, de jornada, de organização e funcionamento, de formação e valorização do professor, fatores essenciais para a qualidade de ensino.

Segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a Convenção da Guatemala (1999), promulgada no Brasil pelo Decreto nº 3.956/2001, afirma que as pessoas com deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que as demais pessoas, definindo como discriminação com base na deficiência toda diferenciação ou exclusão que possa impedir ou anular o exercício dos direitos humanos e de suas liberdades fundamentais.

O Plano Nacional de Educação – PNE, Lei nº 10.172/2001, estabelece objetivos e metas para que os sistemas de ensino favoreçam o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos.

A adoção de políticas educacionais para a inclusão escolar garantiu aos alunos com deficiência o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que é realizado no contra turno escolar, em salas de recursos especiais na escola regular, ou em instituições especializadas e tem como objetivo complementar ou suplementar a formação do estudante por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem.

Aos alunos com necessidades educacionais especiais, entende-se que são estudantes com deficiências, TGD (Transtornos Globais do Desenvolvimento) / TEA (Transtorno do Espectro Autista) e altas habilidades/ superdotação. Todos tem direito de estudar em uma escola regular, pública e de qualidade, porém por muitas vezes as escolas não estão preparadas para recebê-los e não dispõem de tradutores, intérpretes, apoio, enfim profissionais que auxiliem na comunicação, alimentação, higiene e locomoção deste público.

4 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PREFEITURA DA SERRA

Segundo fonte do site da prefeitura da Serra-ES (www.serra.es.gov):

A Educação Especial da Serra conta hoje com 998 alunos atendidos por 95 professores especializados na área de Educação Especial em 30 escolas do município. As deficiências mais comuns são: auditiva, visual, mental e Transtorno Global de Desenvolvimento (TGD). Esses alunos estudam num turno e retornam no contraturno para participarem de atividades pedagógicas direcionadas para o atendimento educacional especializado. De acordo com norma do Departamento de Educação Especial, estudantes que apresentam as necessidades especiais abaixo, têm direito a um auxiliar que ajudará o aluno nas atividades diárias na escola: deficiência mental/ intelectual, Síndrome de Down, Transtorno Global de Desenvolvimento (TGD), Síndrome de Asperger, Autismo, paralisia cerebral e deficiência

física. Outros alunos, que não se encaixam nessa lista, podem ter direito a um auxiliar a partir de laudo médico que indique o aparecimento de outras síndromes e casos raros e especiais em que aja a necessidade de acompanhamento de um auxiliar. Os alunos com deficiências auditiva e visual e surdo-cegueira não têm direito ao acompanhamento de auxiliar. Eles contam com o professor especialista na área da Deficiência Auditiva e Visual itinerante para o trabalho. Estudantes que possuem Altas Habilidades/Superdotação também não têm direito ao auxiliar, pois são acompanhados de perto por professores especializados na área.

Conforme o trecho acima, para realizar o trabalho pedagógico com alunos deficientes são necessários professores especializados e de um "auxiliar" que o ajudará nas atividades diárias na escola, neste caso o estagiário. Devido a pouca informação bibliográfica sobre educação especial no município da Serra, bem como sobre as atribuições do estagiário que atua nesta área, foi necessário fazer uma visita ao Departamento de Educação Especial e ao Setor de Estágio para obter dados atualizados e mais específicos referentes a este tema.

Atualmente a Prefeitura da Serra conta com 560 estagiários de pedagogia que fazem o papel pedagógico e do cuidador quando necessário. Segundo a Assessora Pedagógica Ana Selma Ferreira da Silva Xavier, ao iniciar o estágio, o graduando recebe orientações gerais, que serão comentadas adiante e formações coletivas durante o ano, onde são convidados profissionais capacitados para dar palestras referentes à educação especial, e, em casos específicos, profissionais capacitados vão às escolas fazer assessoria para orientar professores, o trabalho da estagiária e a escola como um todo. Geralmente, a maioria das escolas tem a professora especialista e é ela quem faz as orientações necessárias.

Caso a escola esteja sem estagiária, o departamento de educação especial orienta que a criança frequente normalmente as aulas e que a unidade escolar se articule para dar o suporte necessário a este aluno, jamais se orienta que a criança não vá a escola. "Porém existem famílias que preferem não mandar as crianças, algumas escolas também fazem o possível para que estes alunos fiquem em casa na ausência de estagiária" diz a assessora.

Uma das práticas pedagógicas da educação especial da Serra é o AEE - Atendimento Educacional Especializado que é oferecido a todos, porém nem todos

os alunos participam. São 38 escolas que tem professores por 100 horas, são chamadas escola polo, pois possuem salas de recursos multifuncionais e fazem atendimento contraturno e o trabalho colaborativo na sala de aula.

O município segue a Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009, que institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial e a Política Nacional de Educação Especial. No entanto existem diretrizes, em processo de construção e que foram encaminhadas para análise.

A carga horária do estágio era de quatro horas ao dia, porém em maio de 2014 mudou para cinco horas, visto que o estagiário pode ser contratado para atuar de 4h a 6h e as escolas da rede estavam passando pela seguinte situação, o professor ficava até 17:30h com aluno em sala e até 18h na escola e o estagiário ia embora 17h e alguns alunos eram muito comprometidos, precisando da presença do estagiário até o final deste tempo. Essa carga horária mudou de acordo com a lei 11.788/2008 em seu artigo 10, inciso II.

4.1 ORIENTAÇÕES TEÓRICAS ACERCA DO PAPEL DO ESTAGIÁRIO

Atribuições Estagiário - Segundo contrato com CIEE:

Auxiliar na integração de alunos com necessidades especiais em sala de aula junto ao professor nas séries iniciais, auxiliar nas atividades extracurriculares, auxiliar no projetos desenvolvidos pelo professor regente; auxiliar na participação das atividades pedagógicas desenvolvidas na unidade.

Atribuições Estagiário - Orientações Coordenação de Educação Especial Serra: Segundo informações obtidas no Departamento de Educação Especial/Coordenação de Educação Especial, a função do estagiário é:

acompanhar os alunos público- alvo da educação especial que precisam de ajuda para realizar atividades (também extra-classe), sob orientação do(a) professor(a) regente e/ou pedagogo(a) escolar; Ser responsável pela higienização, alimentação e locomoção do aluno público- alvo da Educação Especial, caso necessário, conforme prevê a Política Nacional de Educação Especial de 2008 (p. 11); Tomar conhecimento do planejamento semanal realizado pelo(a) professor(a) regente, entre outras.

5 O ESTAGIÁRIO: SOCIALIZANDO EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

Segundo Silva e Vitor (2006), a experiência do estagiário é diversificada, pois o ambiente escolar pode ser acolhedor ou não. É comum que estagiários fiquem inseridos na sala de aula com alunos com necessidades educacionais especiais como um "auxiliar" e este auxílio acaba ficando como uma responsabilidade para este profissional, pois não recebe uma atenção diária e devido sua falta de experiência agregada a falta de capacitação do professor regente para lidar com este público, as dificuldades para realizar o trabalho aumentam e por vezes se tornam um desafio. É o que se percebe nas falas das estagiárias:

Comentários extraídos das avaliações dos estagiários

"Durante o período de estágio a maior dificuldade foi a utilização da sala de recursos e o apoio e cooperação do professor de educação especial".

"Falta apoio da equipe escolar; falta de experiência para lidar com alunos especiais; falta de recursos para orientar de forma mais clara e fácil o aluno especial".

"Falta formação, suporte ou apoio profissional. Pois somos encaminhadas para a escola e temos que lidar com diversas situações que não estamos preparadas, somos responsáveis pelo aluno sendo que o professor regente de sala muitas vezes o ignora".

"Não só como estagiária, mas com visão de educação especial. Falta comprometimento dos pais em relação aos horários, medicação e até mesmo a visão de alguns pais que veem o estagiário como babá ou só como um lugar para deixa-lo para resolver seus afazeres".

"Os estagiários não estão preparados para trabalhar com os alunos especiais, mas são cobrados".

Quadro 1 - Comentário dos estagiários a respeito de sua atuação.

É evidente a desorientação e a impotência desses sujeitos no espaço escolar, conforme nos diz Pimenta e Lima (2010). No início das atividades e na chegada à escola, são constantes os problemas relacionados a falta de organização, de recursos materiais, de integração entre escola e estagiários, entre outros.

No presente estudo, constatou-se que 92% das estagiárias encontram dificuldades para realizar seu trabalho, elas revelam sobre a desorientação e a impotência no convívio com o espaço escolar. Na chegada à escola e no início das atividades a principal dificuldade é de não saber como lidar com o aluno que iria acompanhar todos os dias. Algumas buscam informações por conta própria, foi o que registrou uma das estagiárias: "Fui para sala de aula totalmente perdida, tendo que me virar se quisesse de fato ajudar minha aluna".

Quando perguntadas se receberam/ recebem capacitação ou orientação para desempenhar suas funções, a maioria 71% das respondentes disseram que não, e 29% disseram quem sim. E desse percentual, Somente 12,5% das estagiárias reconheceram a formação como forma de capacitação. Fica evidente que as estudantes não entendem a formação mencionada acima pela coordenação de educação especial como forma de capacitação/ orientação para desempenho de suas funções. E isso mostra que há uma necessidade de reforçar a formação, não só inicial, mas continuada, que é um direito dos profissionais da educação com amparo legal (PNDE) pois trata de uma importante estratégia de melhoria permanente da qualidade da educação, e possibilidade de novos horizontes na atuação profissional.

Neste mesmo contexto foi perguntado se o estagiário conhece suas atribuições e se as atividades que desempenha são correspondentes. O estágio não tem vínculo empregatício, mas os estudantes devem conhecer seus direitos e obrigações. 84% afirmam conhecer suas atribuições, porém dizem que as atividades que desempenham vão além do que está no contrato firmado com o CIEE.

A respeito das práticas que vêm se desenvolvendo nas salas de aula, com o professor regente, foi perguntando se este busca participar do processo ensino aprendizagem ou somente o estagiário que interage com o aluno, visto que essa interação é uma orientação e faz parte do documento orientador da coordenação de educação especial à estagiários e equipe escolar. Conforme o seguinte trecho:

O processo de aquisição do conhecimento pelo aluno com deficiência é similar a toda e qualquer criança. Logo, o desenvolvimento deste se dá nas interações vivenciadas por ele junto à sua turma. Nesse sentido, a(o) estagiária (o) não deverá

ser um apoio exclusivo do aluno com deficiência, podendo e devendo acompanhar os alunos da turma enquanto o (a) professor(a) interage com o aluno especial.

Infelizmente a orientação que é passada a diretores(as), pedagogos(as), professores(as) e estagiárias(os) não é seguida em todas as escolas da rede. Ao discorrerem sobre esse tema 48% das respondentes registraram que o professor regente procura interagir com o aluno especial durante as aulas, já 37,5% declararam que o professor não faz esta interação e 14,5% revelaram que essa interação pouco ocorre. E assim elas declaram:

Comentários extraídos das avaliações dos estagiários

"Sim, o professor regente busca participar, porém, não tem experiência e capacitação suficiente assim como eu".
 "Sim, o professor elabora atividades e procura também interagir com o aluno".
 "Somente eu interajo com o aluno. Muitos professores nem enxergam o aluno especial e muito menos a estagiária".
 "Poucos professores se importam em manter contato com a criança".
 "Somente a estagiária, infelizmente o aluno passa a ser da estagiária e não da escola".

Quadro 2 - Comentário dos estagiários a respeito de sua atuação.

As declarações dos alunos nos remetem a refletir com senso crítico sobre esse processo de ensino aprendizagem em que o envolvimento não poderia ser somente do estagiário com o aluno. Nesse sentido Mantoan (2006) acrescenta que os professores do ensino regular consideram-se incompetentes para lidar com as diferenças em sala de aula, especialmente para atender alunos com deficiência (...)

Considerando estas questões foi perguntando se os estagiários entendem que seu trabalho contribui para o desenvolvimento do aluno com deficiência e 46% disseram que pouco e 54% disseram que bastante.

Pouco	Bastante
"Não dou conta de dar atenção para três alunos."	"Com certeza, pois, atualmente me colocaram com uma aluna deficiente visual, no qual tive que aprender braille para ajudá-la."
"Sem o auxílio de um professor de educação especial não sei orientar e acompanhar a criança para seu desenvolvimento."	"Nós como estagiárias somos o apoio e a base do aluno especial na escola."
"Por falta de formação e capacitação, além da falta de materiais adaptados, falta de apoio da família e demais profissionais da instituição de ensino, entre outros."	"Pois o período que fiquei com ele podemos observar mudanças positivas no comportamento dele."
"Somente para socialização do aluno"	"Através da minha intervenção o "aluno" consegue absorver mais o conhecimento"

<p>"Devido a falta de interesse da própria escola, muitas vezes nem atividade para o aluno tem." "Porque o aluno é muito comprometido"</p>	<p>"O aluno que eu acompanhava ano passado, não sabia escrever, ele apenas copiava, não tinha noções matemáticas. Quando saiu já produzia seus próprios textos, somava e subtraía."</p>
--	---

Quadro 3 - Comentário dos estagiários a respeito de sua atuação.

As falas contidas no quadro acima revelam as muitas facetas do trabalho do estagiário na área de educação especial. Cada sala de aula tem uma realidade diferente da outra. As opiniões ficam divididas, pois quem acha que seu trabalho contribui pouco é devido a fatores como: falta de apoio, capacitação e formação ou porque o aluno possui limitações que impedem o aprendizado. E isso fica claro quando Mantoan (2006) nos diz que as escolas não estabelecem regras específicas para planejamento e avaliação de currículos, atividades e aprendizagem de alunos com deficiência e necessidades educacionais especiais.

Os estagiários que entendem que seu trabalho contribui bastante, na maioria das vezes correm atrás, buscam informações e não ficam somente esperando o apoio de outro profissional. E realmente é visível o desenvolvimento dos alunos quando tem este apoio: se desenvolvem cognitivamente, socialmente e afetivamente.

Isso nos leva a refletir sobre a inclusão escolar: Como será que estão as escolas e o ensino que é passado para os alunos com necessidades educacionais especiais que ali estão? Diante disso, este assunto foi questionado com as estagiárias, visto que provavelmente já haviam estudado sobre a teoria da inclusão escolar, porém procurou-se saber a visão sobre a prática, sobre a realidade escolar da rede em que atuam.

O que você entende por inclusão?

"Inclusão vai além de aceitar o aluno especial em sala, incluir é fazer com que faça parte, interaja, participe, opine, questione, faça de fato sentido no processo de ensino- aprendizagem e seja aceito do jeito que for."
"É o aluno ser aceito com suas dificuldades dentro da escola e interagir com todos."
"Não é só estar só inserido no ambiente físico e sim em todo o contexto escolar."
"É acolher a todos sem discriminação no sistema de ensino, independente se possui deficiência, cor de pele, classe social, etc. Pois todos devem possuir o mesmo direito tanto na escola ou fora dela na sociedade."
"Acesso para todos."

Quadro 4 - Comentário dos estagiários a respeito de sua atuação

É possível observar que a maioria dos estagiários entende o conceito de inclusão. Segundo Sasaki (2006), o princípio da inclusão consiste no "reconhecimento da necessidade de se caminhar rumo à 'escola para todos' um lugar que inclua todos os alunos, celebre a diferença, apoie a aprendizagem e responda às necessidades individuais".

Como avalia o processo de inclusão na rede municipal da Serra?

"Bom, mas é preciso melhorar: curso de capacitação para os professores."
 "Regular pois apesar de ter estagiário para o aluno, o professor não participa da interação."
 "Em algumas escolas ela realmente acontece, infelizmente em número muito pequeno."
 "Avaliar é um pouco complicado, pois ainda há muita coisa a ser feita, poucos professores acreditam na inclusão e quando iniciado o processo, outros profissionais da escola interferem."
 "As escolas não estão preparadas para receber estes alunos. E principalmente os professores."
 "Acaba sendo exclusão, pois não é garantido ao aluno o direito de aprender e se desenvolver."
 "Ruim, pois a maioria das vezes os professores não são preparados para receber a diversidade em sala."
 "Ruim, não temos apoio, recursos, profissionais capacitados e nem preparo para atuar com os alunos."
 "A realidade é bem diferente, pois a escola não proporciona os elementos necessários para a inclusão se realizar."
 "Não vejo como inclusão."
 "Há muito a ser melhorado ainda, pois é uma inclusão que não inclui efetivamente o aluno, apenas o mantém na sala de aula."
 "Apenas depositam os alunos com deficiência na escola para cumprir a lei, porém não há compromisso com a educação dessas crianças."
 "Não somente na Serra, mas em outras escolas, não há qualificação para trabalhar com crianças especiais."
 "Varia de escola para escola."

Quadro 5 - Comentário dos estagiários a respeito de sua atuação

Sasaki (2003) em seu livro destaca trechos da declaração de salamanca a respeito da inclusão: "a preparação adequada de todo o pessoal da educação constitui um fator chave na promoção do progresso em direção às escolas inclusivas".

Para finalizar foi perguntando se na escola em que trabalha considera ser visto como um profissional em processo de aprendizagem ou apenas acompanhante do aluno com necessidades especiais. 50% se sentem verdadeiramente um profissional respeitado e 50% se sentem somente um mero acompanhante. Fato que evidencia a dualidade das escolas. Diante de toda as experiências vividas, 58% dos estagiários pretendem seguir na área de educação especial. Querem se especializar e se dedicar a este público.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estagiário é um grande mediador e promovedor do processo de inclusão. Quando realizado de forma planejada e sistematizada, seu trabalho pode contribuir grandemente para este verdadeiro processo e promover o desenvolvimento integral do aluno com necessidades educacionais especiais. Grande parte dos respondentes afirmaram que ao iniciar seu estágio não receberam capacitação/ formação/ orientação adequada para lidar com o aluno com necessidades educacionais especiais e por vezes fazem além do que está no contrato.

As declarações destes sujeitos nos remete a conclusão de que a realidade das escolas são muito diferentes, depende dos profissionais que ali estão e do grau de dedicação ao trabalho. Alguns estagiários acreditam que há um movimento em prol da inclusão, enquanto outros acreditam que a inclusão na escola em que atuam está longe de acontecer pois a maioria dos sujeitos escolares ainda não está preparada para lidar com a diversidade. Porém o que é comum na maioria das escolas é a falta de integração entre a equipe escolar, professor de educação especial e estagiário, não basta somente quem está na "área de educação especial" lutar pela verdadeira inclusão, toda a comunidade escolar precisa colaborar.

Após análise sobre o que acontece nas escolas do município de Serra, considera-se que a conciliação entre teoria e prática é de suma importância para os estudantes/ estagiários, para o desenvolvimento da práxis pedagógica e formação desse futuro docente, visto que é na prática que se aprende mais.

Sendo assim, uma mediação pedagógica planejada é importante na apropriação dos conhecimentos dos estagiários e dos alunos em que irão trabalhar e quando isso não ocorre acaba prejudicando o processo de ensino - aprendizagem. Dessa forma, o órgão central de educação, através de seu departamento de educação especial deve fazer um acompanhamento mais intenso a estes profissionais e promover uma formação em que todos a entendam como uma forma de aperfeiçoamento profissional e levem isso para seu ambiente de trabalho.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDBEN, nº 9394. Brasília: Câmara Federal, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2008.

Educação Especial atende a quase mil alunos: as deficiências mais comuns são: auditiva, visual, mental e Transtorno Global de Desenvolvimento (TGD). Disponível em: <<http://www.serra.es.gov.br/sedu-secretaria-de-educacao/2012/04/educacao-especial-atende-a-quase-mil-alunos>>. Acesso em: 03 dez. 2014.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores unidade teoria e prática?** 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 5. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

PRESIDENCIA DA REPÚBLICA. **Lei nº 11.788**, de 25 de setembro de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm>. Acesso em: 06 abr. 2015.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão Construindo uma sociedade para todos**. 5. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

SILVA, Marcela G.; VICTOR, Sonia L. As expectativas que permeiam a práxis dos estágios supervisionados em educação especial e educação infantil. In: ALMEIDA, M. A; MENDES, E. G.; HAYASHI, M.C.P.I. **Temas em educação especial**: múltiplos olhares. Araraquara: Junqueira&Marin, 2008.

ZERBATO et al. **Discutindo o papel do professor de educação especial na proposta de co-ensino em um município do interior de São Paulo**. São Paulo, 2013.

BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

Iasmym Nascimento de Carli¹
 Kamilla de Oliveira Ricardo Bitá²
 Simone Teixeira Sacramento³
 Paulo Roberto Nunes Scarth⁴

RESUMO

O bullying é um fenômeno que pode afetar a autoestima e a saúde mental das pessoas. Geralmente ocorre com as pessoas mais vulneráveis às agressões verbais ou morais que lhes causam angústia e dor, principalmente quando ocorrido em ambiente escolar traduzindo-se como uma forma de exclusão social. Assim surgem alguns problemas de saúde tais como a anorexia, bulimia, depressão, ansiedade e até mesmo o suicídio. O Bullying atrapalha a aprendizagem, sendo que normalmente os agressores são as crianças com maior porcentagem de reprovação. Os casos de agressão, que acontecem por um período maior devem ser encaminhados para atendimento psicológico. E o objetivo do nosso artigo é mostrar a necessidade de se estudar mais os comportamentos dos alunos e trabalhar na divulgação de informações a respeito desse fenômeno promovendo uma mudança de cultura. Algumas iniciativas voltadas para a educação precisam ser trabalhadas em conjunto para contribuir na melhoria das relações entre os alunos educadores e também na sociedade.

Palavras-chave: Agressão. Intervenções. Prevenções. Gestão democrática.

ABSTRACT

Bullying is a phenomenon that can affect self-esteem and mental health. Usually occurs with people more vulnerable to verbal or emotional aggression that cause them distress and pain, especially when held in the school environment translating into as a form of social exclusion. Thus arise some disorders such as anorexia, bulimia, depression, anxiety, and even suicide. Bullying disrupts the learning, and often the perpetrators are children with higher percentage of disapproval. The cases of aggression, which take place over a longer period should be referred for psychological treatment. And the purpose of our article is to show the need to further study the behavior of students and work in the dissemination of information about this phenomenon promoting a culture of change. Some initiatives focused on education need to be addressed together to contribute to the improvement of relations between educators and students also in society.

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

² Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

⁴ Orientador. Docente do curso de Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX.

Keywords: Aggression. Intervention. Preventions Democratic management.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo faz considerações sobre o fenômeno Bullying, das mais atuais e preocupantes formas de violência escolar. Aponta conceitos, características e implicações do Bullying, bem como sobre que forma a escola pública, por meio da gestão democrática, vem lidando com tal questão. Escolhemos como tema principal do nosso artigo o tema: Bullying no ambiente escolar. Para tanto foi feita uma pesquisa bibliográfica buscando uma visão mais ampla sobre o Bullying nas escolas públicas e privadas e como é enfrentado esse problema nas escolas.

Nosso trabalho tem como objetivo levar os professores a desenvolver um olhar diferenciado para a identificação do Bullying no ambiente escolar e fora do ambiente escolar, e, sobretudo nas salas de aula. Criando alternativas para minimizar o problema existente.

Portanto abordamos alguns temas que explicam os principais significados do Bullying, esses temas são: Origem do bullying, Um fenômeno chamado bullying, O que é o bullying, Porque ocorre o bullying? , Bullying e Gestão Escolar: Quando a escola não é um paraíso, O papel da gestão democrática no enfrentamento do bullying, O papel da Gestão Democrática, Como o Bullying é conhecido nesse contexto, Quais as dificuldades que são encontradas, Políticas Educacionais, Leis, o papel das políticas educacionais frente ao bullying escolar.

Este trabalho pretende conscientizar a reflexão por parte dos professores de escolas públicas e privadas, em relação aos atos de violência física ou psicológica, intencionais, praticadas por um indivíduo ou demais grupos de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir ou incapaz de se defender. Esse tipo de comportamento é conhecido por Bullying. Contudo, enfatiza-se a necessidade de orientar as famílias e a comunidade sobre os principais tipos de violências e agressões conhecidas como, Bullying.

Escolhemos este tema, por ser um dos temas mais discutidos ultimamente nas mídias, no âmbito escolar, nas redes sociais, e na sociedade em geral. Esse artigo visa esclarecer os principais fatos ocorridos no ambiente escolar.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 ORIGEM DO BULLYING

O bullying sempre existiu, porém, somente há pouco mais de três décadas é que se tornou assunto estudado. Apesar de ser antigo, o que nos preocupa é seu crescimento e envolvimento de crianças em todas as idades. O fenômeno se intensifica e se agrava na medida em que muitos daqueles que presenciam os ataques dos valentões e a impunidade de suas ações, acabam por adotar atitudes semelhantes ou ainda mais perversas e cruéis. Os casos crônicos colaboram com os elevados índices de violência e criminalidade que envolve nossa juventude já que muitos não suportam esses tipos de ataques.

Começou a ser estudado cientificamente a partir dos anos 70, na Suécia e nos anos 80, na Noruega, em decorrência do aumento dos índices de suicídios entre os estudantes. No Brasil, as pesquisas e estudos são recentes, motivo pelo qual há urgência em conscientizar nossa sociedade sobre o fenômeno e seus prejuízos. (FANTE, 2005, p. 29-30).

2.2 UM FENÔMENO CHAMADO BULLYING

A autora Fante ressalta que o Bullying é uma violência que resulta em sérios prejuízos não somente ao ambiente escolar, mas à sociedade, através das atitudes de seus membros. As relações desestruturadas por meio de condutas abusivas e intimidárias incidem na formação de valores e na formação do caráter, o que refletirá na vida do indivíduo, no campo pessoal, profissional, familiar e social. É uma dinâmica psicossocial expansiva que envolve um número cada vez maior de

crianças e adolescentes, meninos e meninas, à medida que muitas vítimas reproduzem a vitimização contra outros.

No processo educacional pode repercutir na queda do rendimento escolar, desinteresse pelos estudos, déficit de concentração e de aprendizagem. Absentismo, reprovação e evasão escolar. No processo de socialização, por comprometer sua autoestima, a vítima vai se fechando para novos relacionamentos, dificultando a integração social.

Muitas vítimas não superam essa dificuldade no decorrer do seu desenvolvimento acadêmico e se tornam adultos com probabilidades de comportamentos depressivos ou compulsivos. (FANTE, 2005, p. 33)

A autora Fante nos explica que essas crianças tendem a apresentar dificuldades na vida sentimental, por não confiarem nos parceiros. No local de trabalho, podem apresentar dificuldade de expressão, de falar em público e de liderança, déficit de concentração, insegurança, dificuldade de resolução de conflitos, de tomada de decisões e iniciativas. Quanto à educação dos filhos, projetam sobre eles seus medos, desconfianças e inseguranças, tornando-se superproteções em muitos casos.

Na saúde, promovem queda da resistência imunológica e sintomas psicossomáticos diversificados, como cefaleia, tonturas, náuseas, ânsia de vômito, dores epigástricas, diarreia, enurese, sudorese, febre, taquicardia, tensão e dores musculares, excesso de sono ou insônia, pesadelos, perda ou aumento do apetite, dores generalizadas, dentre outras. Podem surgir doenças de causas psicossomáticas, como gastrite, úlcera, colite, bulimia, anorexia, herpes, rinite, alergias, problemas respiratórios, obesidade, além do comprometimento de órgãos e sistemas (FANTE, 2005. p 33).

2.3 O QUE É O BULLYING

O bullying é um termo utilizado na literatura psicológica anglo-saxônica para designar comportamentos agressivos e anti-sociais. “Bully” pode ser traduzido como

“valentão”, “tirano”, “brigão”. Enquanto verbo, “bullying”, significa “tiranizar”, “amedrontar”, “brutalizar”, “oprimir”. Universalmente, o termo é conceituado como sendo um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outros, causando dor e executadas dentro de uma relação desigual de poder, tornando possível a intimidação da vítima (FANTE, 2005, p. 24-25).

O bullying é tomado como agressão que pode relacionar humilhações racistas, difamatórias ou separatistas, aplicável para grupos de todos os tipos. A prática do mesmo pode causar traumas psicológicos, físicos e emocionais nas vítimas, chegando até a provocar a indução de soluções trágicas como a automutilação e até o suicídio às vítimas de casos extremos.

Sendo assim, afeta, no caso de crianças e adolescentes, o rendimento escolar e a sociabilidade dos alunos, o bullying é uma arma prejudicial à integridade e personalidade humana, e deve ser resolvido como qualquer outra violência moral ou física.

2.4 POR QUE OCORRE O BULLYING?

Parece inegável que o agressor quer ser mais popular, sentir-se poderoso e obter uma boa imagem de si mesmo. Isso tudo leva o autor do bullying a atingir o colega com repetidas humilhações ou depreciações. É uma pessoa que não aprendeu a transformar sua raiva em diálogo. Pelo contrário, sente-se satisfeito com a opressão do agredido.

O alvo costuma ser uma criança com baixa autoestima e retraída tanto na escola quanto no lar. Por essas características, é difícil esse jovem conseguir reagir. Aí é que entra a questão da repetição no bullying, pois se o aluno procura ajuda, a tendência é que a provocação cesse. E é nesse momento que entra a questão da família e a escola.

A família precisa estar à parte desse tipo de agressão para saber identificar caso ocorra isso em sua casa, ou até mesmo na escola. O principal ambiente que ocorre o Bullying é na escola. E sozinha, a escola não consegue resolver o problema, mas é normalmente nesse ambiente que se demonstram os primeiros sinais de um praticante de bullying. A tendência é que ele seja assim por toda a vida, a menos que esse problema seja tratado.

Existem alguns critérios básicos, que foram estabelecidos pelo pesquisador Dan Olweus, da universidade de Bergen, Noruega (1978 á 1993), para identificar as condutas de Bullying e diferenciá-las de outras formas de violência e das brincadeiras próprias da idade. Os critérios estabelecidos são: ações repetitivas contra uma mesma vítima num período prolongado de tempo; desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ausência de motivos que justifiquem o ataque. “E ainda acrescenta que devem levar em consideração os sentimentos negativos mobilizados e as sequelas emocionais, vivenciados pelas vítimas de Bullying” (FANTE, 2008, p. 39).

Observa-se assim que as principais ocorrências das agressões são encontradas no ambiente escolar. Apesar de alguns casos ocorrerem durante os trajetos de ida e volta entre casa e escola, as vítimas desses casos são alvos também de agressões quando estão nas dependências da escola. Os casos de bullying podem ocorrer nas salas de aula, nos corredores, nas quadras, nos banheiros ou no pátio. É de extrema importância que ocorra a observação do comportamento dos alunos, por mais que pareça que não tenham tanta relevância.

De acordo com o pesquisador (DAN OLWEUS, 1978 apud FANTE, 2005), para que um aluno seja identificado como vítima, os professores devem observar se eles apresentam alguns desses comportamentos:

- Durante o recreio está frequentemente isolado e separado do grupo, ou procura ficar próximo do professor ou de algum adulto?
- Na sala de aula tem dificuldade de falar diante dos demais, mostrando-se inseguro ou ansioso?
- Nos jogos em equipe é o último a ser escolhido?
- Apresenta-se comumente com aspectos contrariado, triste, deprimido ou aflito?
- Apresenta desleixo gradual nas tarefas escolares?

- Apresenta ocasionalmente contusões, feridas, cortes, arranhões ou a roupa rasgada, de forma não natural?
- Falta às aulas com frequência?
- Perde constantemente seus pertences?

Os mesmos procedimentos interrogativos devem ocorrer em relação ao agressor. Entre seus comportamentos habituais:

- Coloca apelidos ou chama pelo nome ou sobrenome dos colegas, de forma malsoante; insulta, menospreza, ridiculariza, difama?
- Faz ameaças, dá ordens, domina e subjuga? Incomoda, intimida, empurra, picha, bate, dão socos, pontapés, beliscões, puxam os cabelos, envolve-se em discussões e desentendimentos?
- Pega dos outros colegas materiais escolares, dinheiro, lanches e outros pertences, sem o seu consentimento?

Os pais também devem estar atentos a qualquer mudança de comportamento de seus filhos dentro de casa. Observando o próprio filho, os pais podem detectar sinais de vitimização. Entre estes, o filho:

- Apresenta desleixo gradual nas tarefas escolares?
- Apresenta aspectos contrariado, triste, deprimido, aflito ou infeliz?
- Apresenta contusões, feridas, cortes, arranhões ou estragos na roupa?
- Apresenta desculpas para faltar às aulas?
- Raramente possui amigos, ou possui ao menos um amigo para compartilhar seu tempo livre?

Quanto ao agressor, os pais devem observar nele os seguintes indícios:

- Regressa da escola com as roupas amarrotadas e com ar de superioridade?
- Apresenta atitude hostil, desafiante e agressiva com os pais e irmãos, chegando a ponto de atemorizá-los sem levar em conta a idade ou a diferença de força física?
- É habilidoso para sair-se bem de “situações difíceis”?
- Exterioriza ou tenta exteriorizar sua autoridade sobre alguém?
- Porta objetos ou dinheiro sem justificar sua origem?

De acordo com os questionamentos citados anteriormente é visível que essas situações ocorrem com mais frequências no ambiente escolar. E que muitas vezes passam despercebidas pelos gestores e docentes da escola. Onde, tais situações podem tomar uma proporção muito mais grave. Cabe também a família: observar se esses tipos de agressões acontecem em casa, perguntar sempre como foi o dia do seu filho na escola, mesmo que não aconteça nenhum tipo de agressão verbal ou física, é bom orientar seu filho (a) sobre o assunto. Assim ele vai ter autonomia e poder se defender caso aconteça alguma situação parecida com ele ou com o colega. Por isso é importante a presença da família, pois a escola não consegue sozinha.

Dessa maneira o aluno vai se sentir vontade em expor seus medos. O professor deve deixar claro seu interesse em ajudá-lo. E que vai propor maneiras para solucionar o problema. Dessa forma a vítima poderá sentir-se segura em expor seus problemas, seus medos, suas intimidações. Os pais, os professores têm que procurar ter nesse momento domínio do assunto (Bullying), para que tenham segurança em tomarem certas atitudes, em um momento tão delicado.

A intolerância, a ausência de parâmetros que orientem a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente, a matéria mais difícil da escola não é a matemática ou biologia; a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida (FANTE, 2005, p. 91).

A incidência do fenômeno Bullying tem sido um problema cada vez mais presente dentro das escolas, sejam públicas ou privadas podendo trazer consequências negativas para o aluno, demonstrando, com isso, que intervenções no sentido de coibi-lo devem ser efetivas. (COLOVINI; COSTA, 2006).

2.5 TIPOS DE AGRESSÕES

O agressor inferioriza e se impõe sobre o outro, na tentativa de superá-lo em termos físicos e psicológicos, e de satisfazer seu ego. Quase sempre, não tem o apoio de uma boa educação, com conselhos e amparos apropriados, e é isso o que mais o encoraja a fazer o que faz. Já a vítima é alguém com medo das possíveis consequências de sua reação, e é por isso que não reage, se reprimindo a si mesma.

O bullying pode ser dividido de forma direta ou indireta. A forma direta é utilizada com maior frequência entre agressores meninos. E as atitudes mais usadas pelos bullies são os insultos, xingamentos, apelidos ofensivos por um período prolongado, comentários racistas, agressões físicas – empurrões, tapas, chutes – roubo, extorsão de dinheiro, estragar objetos dos colegas e obrigar a realização de atividades servis (CHALITA, p. 82).

A indireta, por sua vez, é mais comum entre o sexo feminino, tendo como características atitudes que levam a vítima ao isolamento social, podendo acarretar maiores prejuízos, visto que pode gerar traumas irreversíveis ao agredido. O bullying indireto compreende atitudes de difamações, realização de fofocas e boatos cruéis, intrigas, rumores degradantes sobre a vítima e seus familiares e atitudes de indiferença (CHALITA, p. 82).

Baseando no trecho acima de Gabriel Chalita, podemos dizer que existem vários tipos de agressões bullying, e alguns deles é o físico, onde o agressor bate dar ponta pé, beliscões e etc., temos o verbal, que colocam apelido, gozações e insultos, temos o moral, que é difamar, caluniar, discriminar e etc. O sexual, o agressor vem com abusos, assedio insinuações, violações sexualmente. O psicológico, que são intimidações, ameaças, perseguições, excluir, humilhar e entre outros, o material que são roubar, destruir pertences materiais e pessoais e o Virtual, que vem os insultos, discriminações por meio da internet.

3 BULLYING E GESTÃO ESCOLAR: QUANDO A ESCOLA NÃO É UM PARAÍSO!

Para Cury gestão escolar “é a geração de um novo modo de administrar uma realidade e é, em si mesma, democrática já que traduz pela comunicação, pelo desenvolvimento coletivo e pelo diálogo” (CURY, 2002, p. 165). A gestão escolar é a forma de se trabalhar coletivamente, é necessária a participação e colaboração de todos componentes da escola, sendo direta ou indiretamente para que haja uma organização escolar satisfatória. A gestão escolar é a forma que as instituições educacionais são conduzidas e organizadas. Onde todos os integrantes da escola devem fazer parte desse processo, para que haja uma boa gestão.

Ao falarmos sobre gestão escolar não podemos esquecer de citar o Bullying em relação à violência escolar, pois o Bullying é conhecido como uma violência escolar e pode ser causado por crianças e jovens, mas pode estar presente na relação de pais e filhos e entre professor e aluno. Alguns exemplos são aqueles adultos e docentes que ironizam, ofendem, expõe as dificuldades de criança ou jovem perante

o grupo, excluem, fazem chantagens, colocam apelidos preconceituosos e têm a intenção de mostrar sua superioridade e poder, usando deste comportamento frequentemente.

Estes casos acontecem com muita frequência. Geralmente em salas de aula. Quando por exemplo o professor usa de forma desrespeitosa algum apelido nas crianças, quando ele tira uma nota baixa, por exemplo, e o professor comenta de forma irônica e constrangedora, ou até mesmo quando os alunos apelidam o professor.

O estudo foi realizado através de pesquisas bibliográficas que dizem: que as manifestações de violência referentes ao bullying são transversais e atingem adolescentes e jovens de várias classes sociais, cabendo à escola se posicionar e atuar como agente de socialização. É necessária uma pedagogia mais coerente e habilidosa, reformulando as práticas escolares de modo a torná-las mais efetivas no sentido de reverter à violência no espaço escolar que deveria ser um ambiente seguro, agradável e de proteção. É importante destacar o quão importante é a participação da família nestes casos, pois a família torna-se um referencial de valores ético para as crianças.

3.1 O PAPEL DA GESTÃO DEMOCRÁTICA NO ENFRENTAMENTO DO BULLYING

A ideia da gestão democrática do ensino é considerada uma inovação da Constituição Brasileira de 1988, que a incorporou como um princípio do ensino público na forma da lei. Essa ideia surgiu como proposta no contexto da transição democrática e na contestação das práticas de gestão escolar dominantes sob o regime militar e na luta pela construção de uma nova escola. Isto é, de uma escola aberta à participação popular e comprometida com seus interesses históricos, com vistas a mudanças sociais duradouras e significativas para esse segmento.

Dessa forma, a Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional (LDB), de 1996, referenda tal princípio, explicitando que a gestão democrática é feita "na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino". A gestão democrática aparece na LDB

ligada à "participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola" e à "participação da comunidade escolar local em conselhos escolares ou equivalentes".

Apesar de ser a primeira LDB a incorporar a ideia de gestão democrática, alguns estudiosos acreditam que ela deixou de lado pontos principais relacionados a esse tema, com a participação da comunidade na gestão escolar e no processo de escolhas.

Porém, os professores têm que ter ciência de que não se pode fechar somente no conceito de que uma gestão democrática se resume somente em práticas de trabalho em grupo, pois a prática de democratização através da gestão escolar vai, além disso. O docente precisa ter a consciência de que existe um contexto mais amplo no trabalho norteado por uma administração de qualidade, buscando sempre aprofundar-se no assunto e não deixando que tais ideias sejam esquecidas no trabalho realizado na escola.

Logo, podemos afirmar que gestão escolar/democrática é a maneira pela qual as instituições de educação são coordenadas e organizadas, tendo em vista as possibilidades de melhor conduzir os processos educativos

De acordo com Neidson Rodrigues (2003, p.3 8), "é falso ligar a questão da democratização da escola a um único aspecto da atividade escolar, seja ele administrativo, pedagógico, de participação da comunidade em processos decisórios, acadêmicos ou políticos da escola".

Gestão democrática da escola pública: trata-se de uma maneira de organizar o funcionamento da escola pública quanto aos aspectos políticos, administrativos, financeiros, tecnológicos, culturais, artísticos e pedagógicos, com a finalidade de dar transparência às suas ações e atos e possibilitar à comunidade escolar e local a aquisição de conhecimentos, saberes, ideias e sonhos, num processo de aprender, inventar, criar, dialogar, construir, transformar e ensinar (BRASIL, 2004).

A gestão democrática implica em um processo de participação coletiva. Onde é muito importante frisar o papel do gestor e docente no combate e prevenção do bullying. Mostrando que apesar desta profissão ser cheia de contradições é

necessária que essa prática profissional seja feita com responsabilidade e pela conscientização referente à problemática do bullying. Trazendo informações coniventes ao cotidiano escolar dos alunos, conscientizando-os que o Bullying não é brincadeira de criança e sim problemas graves que devem ser observados e amenizados nas escolas. E em qualquer outro ambiente não escolar. Assim, tais reflexões ajudam aos profissionais lidarem com a complexidade da violência encontrada nas escolas.

3.2 QUAL O PAPEL DA GESTÃO DEMOCRÁTICA?

É preciso pensar o bullying escolar como um fenômeno social, portanto as formas de enfrentamento e prevenção devem estar em plena comunhão com o contexto onde ocorre, envolvendo medidas psicopedagógicas e preventivas que levem em consideração aspectos sociais, psicológicos e econômicos muito mais do que medidas caracterizadas por punições, ameaças e intimidações ou formas prontas de enfrentamento (FANTE, 2008, p. 36).

Para prevenir e enfrentar o bullying ou qualquer outro tipo de violência que ocorre no contexto escolar, não se deve partir de receitas prontas e fechadas, pois cada escola possui uma realidade específica, onde são construídas relações diferenciadas entre os seus membros. Sendo assim, o bullying também irá se apresentar de formas diferentes em cada contexto, não devendo, portanto, ser avaliado de modo descontextualizado.

Os profissionais da educação conseguem resolver através do diálogo que conseguimos a tomada de consciência do problema. No entanto, o diálogo às vezes é confundido por pais ou professores com extensos sermões. Passam horas a fio fazendo um sermão e depois não sabem por que, na manhã seguinte, o interlocutor está se comportando do mesmo jeito.

Desenvolver regras claras contra o bullying nas escolas, alcançar um envolvimento ativo por parte dos professores e dos pais, aumentar a conscientização do problema

para eliminar mitos sobre o bullying e prover apoio e proteção para as vítimas. (FANTE, 2008, p.36).

Assim os pais devem juntamente com os mestres da educação acompanhar os alunos dentro do ambiente escolar, dar importância ao problema para eliminar qualquer tipo de agressão seja ela verbal ou física, diante da citação de Fante, e extremamente fundamental o acompanhamento desses alunos para prevenir o Bullying nas escolas.

3.3 COMO O BULLYING É CONHECIDO NESSE CONTEXTO?

Na verdade a escola também reflete o modelo violento de convivência social multiplicando estes fatos de desigualdade. Os profissionais da educação encontram-se numa situação controversa, pois tanto podem sujeitar a violência escolar na condição de vítimas quanto podem praticá-la por atitudes que acarretam a violação de direitos.

A escola é o espaço de violência e indisciplina ambigualmente: deve cumprir as leis e as determinações dos sistemas superiores, mas também tem o dever de articular e dinamizar ações no sentido de estabelecer interações entre os indivíduos, igualdades, provocar rupturas, permitir a troca de palavras e sentimentos, sem isso, a violência exclui o diálogo (CALHAU, 2009, p. 32).

É diante desse contexto que a escola deve cumprir seu papel para a prevenção do bullying, estabelecer um plano onde o objetivo é a prevenção, onde as crianças possam se interagir para aprender o respeito ao próximo.

Nas relações interpessoais dos sujeitos que fazem a escola são testados os limites de seu público, surge aí as personalidades individuais que se protagonizam num clima onde os professores e alunos nunca mais esquecerão (CALHAU, 2009, p.38).

Conforme descrito acima, a maioria dos problemas enfrentados pelos professores em sala de aula é saber lidar na individualidade de cada aluno. Tal fato tem causado angústia nos professores, o controle de sala de aula tem sido tarefa cansativa para o

docente que, no final de cada jornada é notório o cansaço e desgaste advindo do esforço para manter a disciplina e dinamizar o conhecimento.

Podemos imaginar que pode chegar a um ponto onde o professor não aguenta mais olhar para a cara do indivíduo, e nem o aluno suportar o professor. A realidade mostra fatos reais onde alunos não deixavam o professor dar a sua aula, a ponto da coordenação pedagógica tomar devidas providências. Essa problemática é muito sério, polêmico onde toda gestão da escola, deve estar ciente de todo o contexto e tomar as decisões corretas.

3.4 QUAIS AS DIFICULDADES ENCONTRADAS?

A problemática do Bullying na escola, de certa forma, se reproduz em todo ambiente que instrui o cidadão para a vida e para o mundo. O Bullying na escola possui diferentes motivos e é um dos itens causadores da reprovação. O Bullying é levado para dentro da escola devido os problemas familiares, inserção social ou escolar, excessiva proteção dos pais, abuso e violência doméstica, carências sociais, influências negativas, entre outros. Nestes casos o professor muitas vezes fica impotente a depender de cada situação. No entanto, existem outras causas que resultam de disfunções entre alunos, professores e escola.

Em busca de um referencial, é na adolescência, período de grandes transformações, que o jovem busca novos modelos para sua identidade adulta. Nessa fase ele se torna sensível e vulnerável às influências do meio sejam elas construtivas ou destrutivas. O aumento cada vez mais significativo dos vários tipos de violência tornam os jovens, vítimas e agentes ao mesmo tempo. Se a sociedade tiver interesse em diminuir e até suprir a violência, deve promover análises mais aprofundadas, compreender os processos pelos quais ela ocorre na escola, uma vez que este é um dos espaços onde os jovens mais convivem.

O bullying é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar

características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, seja a propriedade de causar traumas ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos. (FANTE, 2005, p.26)

Portanto, as dificuldades do bullying devem ser compreendidas como um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica, exercida de maneira contínua dentro do ambiente escolar, e mesmo sendo difícil tratar com os alunos, temos que arrumar meios para melhor contornamos a situação quando surgir.

4 POLÍTICAS EDUCACIONAIS E BULLYING

Como o bullying é um problema que, geralmente, ocorre nas escolas e o professor de Educação Básica é o profissional que atua diretamente com as crianças e adolescentes, devido aos problemas gerados por esse fenômeno, muitas pesquisas têm sido realizadas para alertar a sociedade e os responsáveis por políticas educacionais sobre a necessidade de que providências são imprescindíveis para a superação e a prevenção desse ato.

As instituições de saúde e educação, assim como seus profissionais, devem reconhecer a extensão e o impacto gerado pela prática de bullying entre estudantes e desenvolver medidas para reduzi-la rapidamente (FREITAS, 2003, p. 1094).

Aos profissionais de saúde, particularmente aos pediatras, é recomendável que sejam competentes para prevenir, investigar, diagnosticar e adotar as condutas adequadas diante de situações de violências que envolvam crianças e adolescentes, tanto na figura de autor, como na de alvo ou testemunha.

Mesmo admitindo que os atos agressivos derivem de influências sociais e afetivas, construídas historicamente e justificadas por questões familiares e/ou comunitárias, é possível considerar a possibilidade infinita de pessoas descobrirem formas de vida mais felizes, produtivas e seguras. Todas as crianças e adolescentes têm, individual e coletivamente, uma prerrogativa humana de mudança, de transformação e de reconstrução, ainda que em situações muito adversas, podendo vir a protagonizar

uma vida apoiada na paz, na segurança possível e na felicidade (FREITAS 2003, p.1094).

Mas esse desafio não é simples e, em geral, depende de uma intervenção interdisciplinar firme e competente, principalmente pelos profissionais das áreas de educação e saúde.

O bullying pode ser entendido como um balizador para o nível de tolerância da sociedade com relação à violência. Portanto, enquanto a sociedade não estiver preparada para lidar com o bullying, serão mínimas as chances de reduzir as outras formas de comportamentos agressivos e destrutivos.

4.1 LEIS

A preocupação quanto à garantia dos direitos à integridade física e intelectual das crianças e dos adolescentes, tem como expressão normativa principal o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Mediante da lei ECA, sabemos do direito das crianças de integridade, e temos que está atento para essas leis e manter o direito das crianças para a prevenção do bullying nas escolas. Ela prevê como princípio que toda criança e adolescente tem direito à educação e traz como norma, que nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

As principais leis que têm como cunho a garantia da liberdade e do respeito, elementos que são garantias constitucionais a todos os brasileiros, são o ECA (1990), a LDBEN (1996), o PNE (2001) e as leis municipais antibullying.

É por essas leis que temos que garantir uma escola eficaz em educação e prevenindo o bullying nas instituições

ECA (Lei n. 8.069/1990) - “direito à liberdade, ao respeito e à dignidade” (art. 15). Além da “liberdade quanto à opinião, expressão, crença e culto religioso” (art. 16, II e

III). Ainda, ser respeitado em sua integridade “física, psíquica e moral [...], abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais” (art. 17). Quanto a quem deve ser o responsável pela efetivação desses direitos, o ECA estabelece, em seu art. 18, ser “dever de todos velarem pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”.

A Lei ECA defende o adolescente, a criança tendo em vista dos mesmos procurar o direito deles, leis estabelecidas pelos pais, essa lei é como se fosse uma carta na manga, para as crianças e adolescentes, conservando sempre a imagem, identidade, valor de cada indivíduo.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/1996) nos artigos 2º e 3º, estabelece que a educação seja um dever da família e do Estado e que o ensino formal deve ser ministrado com base nos princípios da igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Quanto à organização, a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios devem trabalhar conjuntamente. A União deve elaborar o Plano Nacional de Educação; os Estados incumbir-se-ão de “elaborar e executar políticas e planos educacionais, em consonância com as diretrizes e planos nacionais de educação, integrando e coordenando as suas ações e as dos seus Municípios” (art. 10). Cabe aos estabelecimentos elaborar e executar sua proposta pedagógica. (Nesse caso, as propostas de intervenção em casos de violência e de bullying “nas” e “das” escolas devem ser objeto de estudo dos profissionais da escola e parte integrante do projeto político-pedagógico.)

Acreditamos que com uma reflexão conjunta dos órgãos governamentais, sociedade e instituição escolares sobre essa questão problemática será possível traçar os elementos norteadores que orientem a formulação das políticas públicas voltadas para a disseminação de uma cultura de paz e de superação das condutas violentas que atingem os estabelecimentos escolares, sobretudo nas cidades brasileiras de médio e grande porte.

É necessário que a escola se torne protagonista das ações para prevenir tal fenômeno. Um programa de intervenção e prevenção da violência escolar terá

muito sucesso quando articulado numa perspectiva democrática, nesse sentido, é necessário o envolvimento de todos, em especial dos órgãos colegiados da escola que tem a oportunidade de debater, refletir conjuntamente e tomar as decisões emancipatórias neste campo, com o devido apoio e envolvimento da comunidade extraescolar e dos órgãos governamentais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos observados somos levados a acreditar que o BULLYING é um tema que abrange todos os assuntos, enfatizamos o BULLYING no ambiente escolar e percebemos a dificuldade dos docentes a lidar com esse fenômeno, não só do docente, mas de toda gestão pedagógica, entendemos também que todos são envolvidos dentro desse assunto, a família é um fator de suma importância para na vida dos alunos, para que esse tema seja evitado dentro do ambiente escolar.

Em virtude do que foi mencionado concluímos que o bullying é uma violência que resulta em sérios prejuízos não somente no ambiente escolar, mas também a sociedade, através das atitudes dos membros. Tais comportamentos tendem a apresentar dificuldades na vida sentimental de cada indivíduo, atrapalhando o mesmo ao aprendizado na vida acadêmica.

A família precisa estar à parte desses tipos de comportamento para saber identificar caso ocorra isso dentro de casa e juntamente com o professor e toda gestão escolar, investigar as formas preventivas para saber enfrentar todos os tipos de violência dentro do ambiente escolar.

Levando-se em conta o que foi observado acreditamos em uma reflexão conjunta dos órgãos governamentais, sociedade e instituição escolares sobre essa questão problemática, será possível traçar os elementos norteadores que orientem a prevenção do bullying nas escolas.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares. **Gestão da educação escolar**. Brasília: UnB/CEAD, 2004.

CALHAU, Lélío Braga. **Bullying**: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão. Niterói: Impetus, 2009.

CAMACHO, Luíza Mitiko Yshiguro. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p.123-140, jan/jun. 2001.

COLOVINI, C. E; COSTA, M. R. N. **O fenômeno bullying na percepção dos professores**. Guaíba: Ulbra, 2006.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Coleção autoestima. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. Ed. Campinas: Veros, 2005.

FANTE, TEZANI, Thaís C. R. **Os caminhos para a construção da escola inclusiva**: a relação entre a gestão escolar e o processo de inclusão. Dissertação – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. Certificação docente e formação do educador: regulação e de profissionalização. **Educação & Sociedade**, Campinas.

MENEZES, Ebenezzer Takunode; SANTOS, Thais Helena dos. Gestão democrática do ensino. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira**: educa Brasil. São Paulo: Midiamix, 2002.

RODRIGUES, Neidson. **Da mistificação da escola à escola necessária**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, A. B. B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Fontanar, 2010.

SILVA, Nelson Pedro. **Ética, indisciplina & violência nas escolas**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

TAYLOR, M. N. B. M. **Bullying e desrespeito**: como acabar com essa cultura na escola. Porto Alegre: Artmed, 2006.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Projeto Político Pedagógico da Escola**: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1995.

VIEIRA, S. L.; VIDAL, E. M. Educação básica: a equidade numa perspectiva territorial. **XVIII ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE**. Maceió, Alagoas, 2007b.



MULTIVIX

SERRA

MULTIVIX.EDU.BR